



Etnografia Vivencial:

um recurso metodológico para ativistas,
profissionais e pesquisadores que atuam
em ações para transformação social

José Carlos Franco de Lima



**ETNOGRAFIA VIVENCIAL:
UM RECURSO METODOLÓGICO
PARA ATIVISTAS, PROFISSIONAIS
E PESQUISADORES QUE ATUAM EM AÇÕES
PARA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL**

José Carlos Franco de Lima



**Boa Vista - RR
2023**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA – UFRR

REITOR

José Geraldo Ticianeli

VICE-REITOR

Silvestre Lopes da Nóbrega

EDITORA DA UFRR

Diretor da EDUFRR

Carlos Vicente Joaquim

CONSELHO EDITORIAL

TITULARES

Ariosmar Mendes Barbosa
Georgia Patrícia da Silva Ferko
Rosinildo Galdino da Silva
Guido Nunes Lopes
Rafael Assumpção Rocha
Raquel Voges Caldart
Simone Rodrigues Silva
Ana Paula da Rosa Deon
Priscila Elise Alves Vasconcelos
Altiva Barbosa da Silva
Madiana Valéria de Almeida Rodrigues
Ricardo Carvalho dos Santos
Paulo Jeferson Pilar Araujo

SUPLENTES

Rileuda de Sena Rebouças
Victor Hugo Lima Alves
Gilmara Maria Duarte Pereira
José Teodoro de Paiva
Jaci Guilherme Vieira
Ramão Luciano Nogueira Hayd
Edileusa do Socorro Valente Belo
Maria do Socorro Lacerda Gomes
Jhébessica Luara Alves de Lima
Fábio Luiz Wankler
Lilian Leite Chaves
Maria Bárbara de Magalhães Bethonico
Roni Petterson de Miranda Panheco



Editora da Universidade Federal de Roraima
Campus do Paricarana – Av. Cap. Ene Garcez, 2413,
Aeroporto – CEP: 69.310-000. Boa Vista – RR – Brasil
E-mail: editora@ufrr.br

A Editora da UFRR é filiada à:



Copyright © 2023
Editora da Universidade Federal de Roraima

Todos os direitos reservados ao autor, na forma da Lei.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei n. 9.610/98) e é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal..

Projeto Gráfico e Capa

Tatiane Rodrigues da Silva

Imagem da Capa

Leandro Palmerah

Diagramação

Tatiane Rodrigues da Silva

Revisão

Marcelo Perez

Dados Internacionais de Catalogação Na Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

L732e Lima, José Carlos Franco de.

Etnografia vivencial: um recurso metodológico para ativistas, profissionais e pesquisadores que atuam em ações para transformação social / José Carlos Franco de Lima. – Boa Vista : Editora da UFRR, 2023.
61 p.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5955-053-1

Livro eletrônico.

1 – Antropologia social. 2 – Etnografia. 3 – Emancipação social. 4 – Transformação social. 5 – Pesquisa em antropologia. I – Título. II – Universidade Federal de Roraima.

CDU – 39:316.3(81)

Ficha Catalográfica elaborada pela: Bibliotecária/Documentalista:

Shirdoill Batalha de Souza - CRB-11/573 - AM

A exatidão das informações, conceitos e opiniões é de exclusiva responsabilidade dos autores.

O texto deste livro foi avaliado e aprovado por pareceristas ad hoc.



Aos afetos que nos sustentam.

AGRADECIMENTOS

Aos interlocutores que trouxeram os conhecimentos necessários para construir essas reflexões.

Aos companheiros e companheiras da Universidade Federal de Roraima por darem vida à estrutura institucional.

Aos amigos e familiares pelo apoio e compreensão.

Aos profissionais, pesquisadores e ativistas que atuam na transformação social.

As ações sociais emancipadoras constituem nossas unidades de análise e
nosso foco de atuação.
Delimitamos essas ações no nível grupal que envolve um número pequeno
de participantes diretos.
A interação face-a-face caracteriza essas vivências grupais.
(ALEXANDER, 1987, p. 177)

Mergulhados dentro d'água,
Pedimos um copo d'água.
(KOAN ZEN-BUDISTA)

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

CEB - Comunidades Eclesiais de Base
PPGANTS - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
ONG - Organização Não Governamental
CRI - Centro de Referência aos Imigrantes
CESE - Coordenadoria Ecumênica de Serviços
ODIC - Organização Indígena da Cidade
AMIR - Associação Migrantes Indígenas Roraimó
ONU - Organização das Nações Unidas
ACNUR - Alto-comissariado das Nações Unidas para Refugiados
SUS - Sistema Único de Saúde
CTI - Centro de Tratamento Intensivo
HGR - Hospital Geral de Roraima
CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CIMI - Conselho Indigenista Missionário
CIR - Conselho Indígena de Roraima
UFAM - Universidade Federal do Amazonas
OPIR - Organização pelos Imigrantes Refugiados
SIGAA - Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas
FIESP - Federação das Indústrias do Estado de São Paulo
PNB - Produto Nacional Bruto
OTAN - Organização do Tratado do Atlântico Norte
FIRE - Finance, Insurance, Real State
GPS - Global Positioning System
NUMUR - Núcleo de Mulheres de Roraima
OMIR - Organização das Mulheres Indígenas
UFRR - Universidade Federal de Roraima.
UNIFIL - Universidade Filadélfia de Londrina
UNESP - Universidade Estadual de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: UMA ETNOGRAFIA PARA A EMANCIPAÇÃO SOCIAL.....	9
2 TRAJETO DA PESQUISA-INSERÇÃO À ETNOGRAFIA VIVENCIAL.....	14
3 A QUESTÃO DOS PARADIGMAS.....	21
3.1 O PARADIGMA ANTROPOCÊNTRICO.....	22
3.2 O PARADIGMA ECOCÊNTRICO.....	24
4 A ETNOGRAFIA VIVENCIAL DE AÇÕES SOCIAIS EMANCIPADORAS	27
4.1 PRINCÍPIOS EPISTÊMICOS.....	30
4.1.1 PRESENÇA.....	30
A) VISÃO DISPONÍVEL.....	33
B) ESCUTA SENSÍVEL.....	33
C) TATO CONSCIENTE.....	36
D) OLFATO, PALADAR E CINESTÉSICO	37
4.1.2 EMPATIA, CENTRALIDADE DAS RELAÇÕES E CONSTRUÇÃO DE REDES DE SOLIDARIEDADE.....	37
4.1.3. TRANSFORMAÇÃO SOCIAL, AUTONOMIA E EMANCIPAÇÃO SOCIAL.....	41
4.3. REGISTROS, RELATOS E REFLEXÕES.....	52
5 COMENTÁRIOS CONCLUSIVOS:UMA ETNOGRAFIA PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL.....	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	58
SOBRE O AUTOR.....	61

1 INTRODUÇÃO: UMA ETNOGRAFIA PARA A EMANCIPAÇÃO SOCIAL

Este ebook apresenta a etnografia vivencial como um recurso metodológico para ativistas, profissionais e pesquisadores que atuam em ações para a transformação social.

A etnografia é uma ferramenta de busca, registro e expressão de atributos culturais desenvolvida inicialmente no campo da Antropologia. Com o correr do tempo foi apropriada por pesquisadores e profissionais de outras áreas como jornalistas, administradores, juristas, geógrafos, ecologistas, diplomatas, linguistas, psicólogos, assistentes sociais, designers, arquitetos, cineastas, entre outros.

Este trabalho apresenta a concepção de etnografia vivencial voltada para o apoio e desenvolvimento de ações sociais emancipatórias. Essas ações podem ocorrer em organizações do terceiro setor, empresas e equipamentos públicos.

Tecemos nossa reflexão sobre etnografia vivencial baseados em dois vértices: nas práticas de pesquisas engajadas em movimentos sociais e em uma síntese dos paradigmas científicos biocêntrico, ecocêntrico, quântico e holístico.

Começamos o texto apresentando nossa trajetória em experiências de inserção iniciada nos movimentos sociais nos anos 80 no Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP) e Londrina (PR), até chegarmos à etnografia vivencial em Boa Vista (RR). Em seguida, interpomos uma breve reflexão sobre os paradigmas científicos na atualidade.

Por fim, apresentamos os princípios metodológicos para a etnografia vivencial de ações emancipatórias: a presença, a transformação social, a autonomia, a emancipação social, a empatia, a centralidade das relações e a construção de redes de solidariedade.

Esse método etnográfico vem sendo construído a partir das experiências de ensino de Antropologia do Corpo, projetos de extensão, projetos de pesquisa e ativismo ecossociocultural. Experiências em extensão universitária como a Semana da Consciência Negra da UFRR (2012/2013), o Projeto de apoio aos Refugiados em Roraima (2017-2019) e, atualmente, o apoio e assessoria a Associações Culturais em Roraima (2020 em diante). Experiências em projetos de pesquisas sobre Símbolos do Lavrado em Roraima (2012/2013), Ornitologia social (2014/2015), Recantos de Beleza e Resistência (2016) em Londrina (PR), Boa Vista (RR), Assis (SP) e Caracas

(Venezuela); e Recantos de Beleza e Convivência (2019/2022) em Boa Vista (RR). Experiências em docência em Antropologia do Corpo (2012/2022) baseada em danças circulares, ioga e percepção corporal. Experiências em ativismo social na Comuna do bairro União e no Recanto no bairro Caimbé, ambos em Boa Vista (RR), completam esse quadro de práticas de vivências grupais emancipadoras.

Emancipação social aqui se refere a ações coletivas, focadas na cooperação e na criatividade, visando a busca de autonomia na tomada de decisões em relação aos sistemas de controle social das corporações transnacionais, estados nacionais e quaisquer sistemas voltados à dominação, exploração ou opressão entre os seres vivos.

O foco principal dessas reflexões é divulgar para profissionais e pesquisadores sociais uma ferramenta metodológica para apoio, desenvolvimento, registro e relato de ações culturais emancipatórias. Ao mesmo tempo que realizamos um repasse de know-how, esperamos que aqueles que a utilizarem possam aperfeiçoar e adaptar a metodologia dentro de suas condições reais.

Temos consciência que estamos no campo da transformação social e que, portanto, fazemos parte de um campo de disputas ideológicas no qual as corporações e os estados investem recursos nos sistemas de controle social e disseminação da crença nas relações de concorrência. O objetivo é manter a submissão dos setores subalternos da população ao comando das elites.

A possibilidade de projetar um designer para a sociedade global, baseado na cooperação e na criatividade, é o horizonte utópico que orienta a construção metodológica deste trabalho e a nossa participação em ações socioculturais movimentalistas.

De antemão, sabemos que o manejo do poder pelas grandes instituições econômicas e pelos estados nos impõe grandes limites. Somos seres situados em sociedades capitalistas globalizadas, clivadas por contradições de interesses raciais, de gênero, étnicos, religiosos, linguísticos, classistas, entre outros.

Nós próprios operamos com lógicas e interesses estabelecidos pelos sistemas de controle social. Somos seres híbridos em mutação: conservamos traços dos sistemas opressores em nós, ficamos doentes nessa sociedade doente, mas também experienciamos possibilidades de bem viver amoroso e criativo.

Uma forma que encontramos para abordar a realidade como totalidade e particularidades em movimento é buscar despojarmo-nos dos quadros teóricos e pressupostos, quando imergimos nas vivências corporais e ações ecossocioculturais.

Após as vivências, procuramos registrar o que vivenciamos, inclusive, nossos estados emocionais. Também nos abrimos à possibilidade de uso de linguagens no campo da Arte, para registrar o que estamos vivendo e sentindo nesses momentos. Quando vamos elaborar reflexões para compartilhar, seja para espaços acadêmicos ou para redes sociais, recorreremos a quadros teóricos e informações providas de análises macroestruturais.

Essas informações trazem dados de unidades ônticas mais amplas, que compõem os seres e situações particulares com as quais trabalhamos. Dessa forma, ganhamos um distanciamento epistemológico do vivido e acessamos o pluriser dos movimentos coletivos que experienciamos. Partir das ações ecossociotransformadoras como unidade-fim para análise e unidade-base dos movimentos ecossocioculturais, é um dos eixos que orientam essas reflexões.

Experienciar o pluriverso, a biologia do amor e a convivialidade colaborativa, supõe a superação dos esquemas de percepção lineares do tempo e do espaço. Somos pluriseres e talvez seja possível entrarmos em estados de presença plena para, então, conectarmo-nos às muitas consciências ou saberes. A consciência decorre de onde se põe o ser no mundo. A consciência da gota d'água existe ao mesmo tempo que a consciência do rio.

São tantos saberes, tantas consciências, tantas informações codificadas, quantos seres possamos constituir por meio de nossa percepção. O ego consciente humano, como agente transformador da história, é uma impostação ôntica atraente, atravessada pelas relações de poder. Potenciar e empoderar são conceitos distintos, à medida que as potências humanas abrangem mais que as relações de poder.

Uma questão emblemática, que subjaz às reflexões apresentadas aqui, é a interpenetração contínua entre o microssocial e o macrossocial. Dependendo da abordagem em Ciências Sociais, esses dois polos podem ser vistos como distintos e até antagônicos na realidade, social com características de extensão contínua entre eles ou como uma unidade ontológica, na qual a distinção entre elas é meramente epistemológica.

Nossas reflexões tendem a um movimento pendular: ora buscando uma visão holística desse continuum macro/microssocial, ora admitindo certa autonomia relativa das micro em relação às macroestruturas sociais. “Mesmo que reconheçamos a existência de entidades supraindividuais, não significa que sejam fixas. O conceito de entidades supraindividuais não implica submissão total a elas” (ALEXANDER, 1987, p. 20).

Admitimos que macro e microssocial são referências de relacionamento as quais permitem analisar eventos de escalas diferenciadas. Inclusive, podemos estabelecer relações de causa e efeito entre eles. Daí a identificação de sistemas de controle social concretizados em instituições estatais e corporativas. Estruturas sociais e ações sociais se referem um ao outro, mas podem ser diferenciados como categorias de percepção.

As ações conscientes de indivíduos e grupos podem causar efeitos macrossociais mediados por mecanismos de coordenação social. Sendo que os efeitos das ações não coincidem necessariamente com a intenção dos atores. Nessa perspectiva, tendemos a fazer análises da conjuntura política, econômica e ideológica, identificando conflitos sociais e interesses contraditórios de grupos específicos; identificação dos mecanismos de coordenação institucional desses interesses e ações, dando atenção especial para os acordos sociais que servirão para coordenar as ações particulares ou pactuar interesses socioeconômico-culturais (ALEXANDER, 1987, p. 340).

Em relação à linha temporal passado-presente-futuro, buscamos focar o aqui e agora. Intenções diferem de objetivos e planos, sendo vértices do presente nas ações sociais. Registros e relatos se referem a percepções presentes, referentes ao passado.

Outra questão epistêmica que perpassa nosso trabalho é a admissão de que as ações voltadas à emancipação social têm elementos, fatores e intenções que estão fora do alcance da consciência humana ou não são percebidos. A compreensão racional da realidade social é uma forma limitada de percepção da realidade social.

Nessa orientação epistêmica buscamos amenizar ou reduzir a aplicação de quadros teóricos e conceitos prévios nas vivências das ações emancipatórias, principalmente, no que tange à análise dos dados registrados. Por outro lado, procuramos valorizar as sensações provenientes da dimensão emocional/sentimental da percepção.

Um desafio é estabelecer critérios para avaliar os efeitos das ações movimentalistas. Ao deixar de lado a lógica do planejar-executar-avaliar nos afastamos dos sistemas de gestão participativa propostos pelos movimentos socioculturais emancipatórios. A renúncia a metas e objetivos futuros exige uma postura de desapego e a coragem de lançarmo-nos nas entranhas do desconhecido e do incerto. As interações entre as ações extrapolam planos e macrossistemas sociais.

A compreensão das estruturas da sociedade globalizada faz parte de nossa visão epistemológica. Entendemos essas macroestruturas como unidade ôntica. As estruturas políticas, econômicas, comunicacionais, ideológicas e emocionais são importantes na composição de nossa alquimia epistêmica. Bem como as estruturas biológicas presentes no planeta. Buscamos desvendar os padrões sociais usados para distinção etária, racial, étnica, religiosa, classista, sexista, entre outros, que condicionam nossa percepção e nosso comportamento no correr das relações ecossocioculturais.

Percebemos certas incongruências entre os sistemas sociais globais e os sistemas ecológicos planetários, cuja tensão pode levar a consequências imprevisíveis para a nossa espécie, porém, nessa imersão nas relações microsociais evitamos enquadramentos macrossociais, ao contrário, abrimo-nos a possibilidades de percebermos novos significados para condutas e comportamentos que, à primeira vista, poderiam ser mero reflexo das estruturas ideológicas globais.

Por fim, cabe uma observação sobre a bibliografia: ao longo desses anos na vida acadêmica alguns autores e obras foram determinantes para a construção da cosmovisão e para a configuração dos fundamentos éticos e ideológicos presentes neste trabalho. Por isso mantive nas referências essas obras e autores, mesmo que não tenham citações pontuais no correr do texto. Na bibliografia também estão os autores e obras citados no texto.

2 TRAJETÓRIA DA PESQUISA-INSERÇÃO À ETNOGRAFIA VIVENCIAL

As reflexões sobre a etnografia vivencial se baseiam na minha atuação como pesquisador, facilitador em percepção corporal e ativista social. Por isso iniciarei com um breve relato de experiência de minha trajetória como pesquisador.

A primeira pesquisa que realizei foi na área de Filosofia e versava sobre uma ética de libertação para os oprimidos na América Latina. Neste período, 1985, fiz parte do Movimento Estudantil e Pastoral Operária em Brusque – SC. Tentei embasar filosoficamente a prática política que desenvolvia na época.

Em 1989 concluí uma pesquisa sobre a concepção de educação popular de Paulo Freire para a especialização em Antropologia Filosófica, na Universidade Federal do Paraná.

Na época era dirigente do Partido dos Trabalhadores e da União Municipal de Associações de Moradores em Umuarama (PR). Desenvolvi reflexões sobre o papel de educador dos dirigentes nas organizações populares.

Quando voltei meus interesses investigativos para o fenômeno religioso em 1991, já no mestrado em Ciências Sociais da PUC-SP, um dos objetivos foi subsidiar teoricamente a ação das Comunidades Eclesiais de Base na Favela Heliópolis (São Paulo – SP) com os resultados da pesquisa-ação. Nesse tempo coordenava o projeto de alfabetização de adultos da UNAS (União de Núcleos e Associações da Favela Heliópolis e São João Clímaco) na capital paulistana. Em 1993, assumi a coordenação estadual da Comissão Procentral de movimentos populares do estado de São Paulo.

Seguindo nessa perspectiva, construímos uma pesquisa de doutoramento que fosse uma forma de produção de conhecimento antropológico, na qual a elaboração teórica e a intervenção cultural fizessem parte de um mesmo e único processo. Vivi seis anos no bairro Avelino Vieira em Londrina (PR) onde funciona a Ciranda da Cultura, que completou 24 anos de atividades em 2022.

Um exemplo desse estado de imersão. Em uma tarde de sábado em maio de 1999 estávamos conversando com cinco adolescentes da Renovação Carismática Católica no gramado da Ciranda (Londrina – PR, Brasil). Dentro, desenvolvia-se um curso de teatro com adolescentes. Um rapaz entrou na casa e teve uma overdose de craque. Tentamos socorrê-lo. Deitamos ele na mesa da cozinha. Ele quis se enforcar com as próprias mãos. Todos que estavam na casa se aglomeraram para vê-lo. Moradores do bairro assistiram ao longe, na

praça. Os lábios e as mãos roxas eram sinal de morte. O estômago vazio não tinha o que regurgitar. O tempo estava nublado e ameaçava chover. Caíam alguns pingos enquanto o levávamos para dar uma volta em torno da casa, para tentar reanimá-lo. O Maicon e o Jarrão estavam comigo, dois jovens que frequentavam a casa. A ambulância não veio, alegaram não atender a esse tipo de trauma. Amparado, ele deitou no chão e inclinou a cabeça em meu colo. Sua respiração normalizou-se e ele voltou lentamente a si. Dez minutos depois já andava cambaleante e o levamos para seu barraco. Durante alguns minutos ficamos sentados no velho sofá do lado de fora. Depois fomos embora. Um acontecimento como esse gera muitas conversas e elucubrações entre moradores em geral e, especialmente, entre os adolescentes. Eles se posicionam sobre a opção do rapaz, sobre o mundo das drogas, sobre nossa ação solidária, sobre nosso espaço e cada um revê seu jeito de viver. Estive no centro do acontecimento.

Os momentos de elaboração teórica foram, posteriormente, momentos de distanciamento dessas vivências. Utilizando-me das categorias teóricas de análise, ganhava a distância necessária para dissertar. Assumia o papel de pesquisador no mundo acadêmico para analisar as ações sociais nas quais participava. Várias falas e fatos relatados na tese de doutorado vieram desses momentos informais de convivência. Inumeráveis, imprevistos e espontâneos. Densos de envolvimento emocional.

O Ciranda era um espaço cultural. Nele os Presbiterianos independentes e os Carismáticos faziam reuniões. Houve aulas de percussão e violão para cerca de 80 crianças adolescentes e jovens. As 12 crianças e púberes do curso de grafiteagem, encerraram as atividades no final de abril de 1999, pintando painéis em muros. O projeto de Saúde através do relaxamento atendia adultos, idosos, adolescentes e crianças.

Acompanhei projetos como Cesta Verde, Pediatria, Teatro para adolescentes, Aulas de italiano e Formação em pesquisa de opinião no período de dezembro de 1999 a julho de 2004. Apesar de ser um espaço de ações culturais, desde o início se procurou manter uma comunidade de moradores na casa. Nesse sistema de gestão, que funciona até hoje, cada projeto ou ação tem vida própria e direções próprias. O que não exclui esporadicamente reuniões gerais.

O Ciranda funcionou até 2016 em um espaço construído e cedido por um empresário do ramo imobiliário de Londrina (PR). Assumi o papel de

coordenador desse espaço cultural perante os projetos/ações e perante o doador. Fui coordenador e pesquisador perante os adolescentes diretamente envolvidos na pesquisa de doutorado. Para os moradores e instituições da área, era coordenador do Ciranda. Trabalhava na UNIFIL (Centro Universitário Filadélfia) e fazia doutorado na PUC/SP, nessas instituições era pesquisador.

Assumir prerrogativas de pesquisador, sem transformar as atividades do Ciranda e os encontros informais com a população local, em situações-laboratório, tornou-se um parâmetro metodológico. Meu compromisso com o processo de intervenção cultural na área teve a ver com a opção pela inserção nas classes populares. As duas pesquisas subsequentes, Organizações de nosso pedaço e O que vimos e o que fizemos, realizadas entre 2001 e 2003, com a Dra. Alejandra Astrid Leon, na época vinculada à UNIFIL, mantiveram o mesmo rumo, sendo voltadas ao universo popular e vinculadas às organizações sociais do Complexo Avelino-Olímpico-Turquino, em Londrina (PR).

Mudei-me para Porto Velho (RO) em julho de 2004 e para Boa Vista (RR) em fevereiro de 2005. Em 2005 comecei a escrever um livro em meio eletrônico: Tópicos em Ciências Sociais. Resultado de pesquisas, aulas e reflexões avulsas, produzidas depois da graduação.

O primeiro projeto na UFRR foi uma Pesquisa sobre as condições de vida nos bairros periféricos de Boa Vista (RR), que resultou em 2009 no ensaio Fronteiras de vento – um ensaio sobre a vida nos bairros populares de Boa Vista – RR.

O projeto Símbolos do Lavrado (2012-2013) e o projeto Voando Livres (2014-2015) me colocaram no trabalho transdisciplinar com artistas plásticos, ornitólogos e biólogos. Ao mesmo tempo, possibilitaram uma aproximação das pesquisas acadêmicas com a Comuna do bairro União (Boa Vista, Roraima), casa que recebia viajeiros, artistas de ruas e mochileiros latino-americanos e europeus.

Morei na Comuna no período de 2005 a 2014. Nesse espaço tomei contato com agroecologistas, permacultores, músicos, artistas circenses, poetas e artesãos. Reciclagem, compostagem, sementes criolas, biocronstrução foram conhecimentos e práticas que chegavam junto com os viajeiros.

O estágio pós-doutoral realizado em 2016, no programa de doutorado em Psicologia da UNESP, permitiu-me formular uma síntese dos princípios metodológicos da pesquisa-ação participante, que pode ser usada em várias áreas do conhecimento.

Partimos de experiências concretas de interação entre Psicologia Social, Ecologia e Antropologia, a partir dos trabalhos articulados no Projeto de Pesquisa Recantos de Beleza e Resistência, vinculado à Universidade Estadual de Londrina (PR) e coordenado pela Alejandra Astrid Leon. Esse projeto de pesquisa em Psicologia Social buscava apoiar as iniciativas em organizações sociais, e constatar se as mesmas eram propulsoras de prevenção da violência em regiões que se caracterizam pela presença do tráfico de drogas e pela oferta precária de políticas públicas.

Acompanhamos cinco organizações sociais no Brasil e Venezuela: o Núcleo de Ecologia Urbana da Universidade Bolivariana da Venezuela em Caracas; o ecoturismo pemon da comunidade São Camilo em Santa Helena de Uiarén na Gran Sabana venezuelana; a Associação Cultural dos Maranhenses de Boa Vista (Roraima, Brasil); a Ciranda da Cultura de Londrina (Paraná, Brasil) e o Galpão Cultural de Assis (São Paulo, Brasil). Durante oito meses estivemos imersos nos mundos e nas ações dessas organizações.

Recordo-me de um acontecimento ocorrido durante a pesquisa do estágio pós-doutoral. Nossa equipe estava fazendo o registro do Arraial dos Maranhenses em 2016 e uma mulher nos procurou. Ela estava com a filha de 14 anos, bem vestidas. Contou-nos que se separou a dois anos do marido, que se tornou usuário de pasta-base de cocaína. Estava desempregada. Roubaram sua botija de gás e estava cozinhando na lenha. Estava sem alimentos para dar aos três filhos há dois dias. Desesperada, pediu ajuda. Naquela noite ficou conosco até o fim da festa. Contou suas histórias. Demos carona para elas ao final das apresentações do Boi Bumbá. Os três filhos eram simpáticos e espertos. A porta arrombada não tinha fechadura. Faltava dinheiro para comprar comida. A ausência de perspectivas era desesperante para ela e para nós. No outro dia providenciamos uma cesta básica e a botija de gás.

Conseguimos também uma bicicleta para ela se locomover. Na mesma semana o ex-marido a procura. Mesmo estando sob medida protetiva, pois já fora espancada por ele várias vezes, ela voltou com ele.

Às vezes nos deparamos com situações, diante das quais nos sentimos impotentes. É o líder e guia indígena, crítico e consciente de seu papel, que vê seus dois filhos serem presos em flagrante em um ponto de venda de drogas em Santa Helena de Uiarén (Venezuela); que assiste os smartphones se multiplicarem nas aldeias e com eles o acesso a sites pornô e a músicas eletrônicas; que se depara com o aumento da prostituição das jovens

indígenas nas áreas de turismo da Gran Sabana; que vê seu país entrar em um desabastecimento agudo, onde a fome campeia solta. Pede-nos ajuda para reverter esse quadro social. Calamo-nos impotentes, tocados pela tristeza. Só nos resta oferecer-lhe as lágrimas e cumprimentos de apoio. Reconhecemos nossos limites.

A presença é a condição fundamental para este tipo de pesquisa-vivência. O corpo é a base para nossa existência relacional, por isso a superação do dualismo corpo-mente é fundamental para estarmos integralmente nos momentos que se apresentam na pesquisa. Principalmente em se tratando de ações culturais centradas na cooperação coletiva. Desde então, venho elaborando uma metodologia etnográfica baseada nos princípios da pesquisa-ação participante. Assim foi no projeto de extensão de Apoio aos Refugiados em Roraima (2018-2019) e no projeto de pesquisa Recantos de Beleza e Convivência (2020-2021).

Os artigos: Pelas veredas da transformação social: aproximações entre o pensamento freiriano e as ações culturais do movimento cultural Apuí, publicado na revista do mestrado em educação da UFRR (2020), e As rodas do lavrado: convivência e resistência em tempos de retrocesso, publicado na coletânea do PPGANTS (2021), contêm conhecimentos gerados nessa perspectiva metodológica.

Em conjunto com a Dra. Alejandra Astrid Leon estamos desenvolvendo o conceito Cirandar como representação teórica de práticas movimentalistas baseadas em ações ecossocioculturais autogestionárias, voltadas para a emancipação social.

Outra linha de ação que venho desenvolvendo desde 1995, está relacionada aos trabalhos de percepção corporal. Sou portador de ceratocone, por meio de uma técnica fisioterapêutica chamada Selfhealing deixei de usar, em 1995, as lentes de contato sólidas de 7 graus. Desde então, tenho trabalhado com fisioterapeutas, renascedores, focalizadores em danças circulares e professores de Educação Física. Autores como Gerta Alexander (Eutonia), Meir Scheneider (Selfhealing), Rudolf Laban (Método Laban), Therese de Betherat (Antiginástica), Stanley Keleman (Anatomia Emocional), Wilhelm Reich (Bioenergética) e Rolando Toro (Biodança) passaram a fazer parte de meu habitat epistêmico.

Assumi a disciplina Antropologia do Corpo no Curso de Bacharelado em Antropologia da UFRR desde 2010, o que me permitiu estabelecer um

diálogo entre esses métodos de percepção e consciência corporal com a Antropologia; e desenvolver uma pedagogia baseada na experiência corporal e cooperação grupal.

Desde 2018 tenho trabalhado em parceria com a Prof. Inara do Nascimento Tavares (docente do Instituto Insikiran e focalizadora em danças circulares) e a Prof. Lisiane Machado Aguiar (docente do mestrado em Comunicação Social da UFRR e instrutora de ioga). A ação Rodas do Lavrado vinculada ao projeto de extensão Apoio aos Refugiados em Roraima (2018-2019) e codocência em Antropologia do Corpo com as docentes acima citadas, tem sido uma experiência transdisciplinar impressionante. Partindo de vivências em grupo, compartilhamentos das experiências e leituras teóricas, mergulhamos na etnografia das vivências corporais.

A quarentena imposta pela prefeitura de Boa Vista e pelo governo do estado de Roraima no início de 2020 nos colocou diante de um emblema: como fortalecer nossa imunidade, vivendo em uma sociedade estressante e envenenada em sua base alimentar? Realizamos uma série de estudos em grupo na Comuna do Bairro União (Boa Vista – RR) tendo por finalidade a elaboração de um cardápio voltado para uma alimentação imunomoduladora e anti-inflamatória; identificação de atividades físicas e criativas que gerassem vitalidade.

O resultado foi a construção de um protocolo de recomendações que incluíam: exercícios respiratórios; oficinas de arte; contato com a luz solar, a terra, a água e o vento; sono tranquilo; expressão de afetos; fugas esporádicas dos campos elétricos e frequências urbanas; alimentação baseada em grãos, frutas e verduras produzidas com o mínimo de agrotóxicos.

Uma das iniciativas realizadas nessa perspectiva foi o Projeto Cesta Verde, que repassou legumes, tubérculos, frutas e castanhas para 12 famílias, entre julho e setembro de 2020, e apoiou a produção caseira de tubérculos, verduras, ervas medicinais e flores. A ação foi realizada por uma equipe da Associação Cultural Apuí e apoiada financeiramente por uma ONG ecumênica, sediada em Salvador (BA). Estivemos no apoio e organização do projeto desde a sua elaboração até a organização do relatório final.

A pandemia, somada ao decrescimento econômico, as mudanças climáticas, a necropolítica e a militarização nos governos “bolsonaristas”, apresentou desafios enormes para o cotidiano das pessoas, tanto nos setores de renda média da sociedade, quanto nos setores populares.

Porém, nossos desafios vão para além dos governos conservadores. Uma plataforma de mudanças profundas na humanidade implica em uma comunicação baseada na empatia, em um estilo de vida simples, com redução do consumo irresponsável; na busca de relações de cooperação com os seres que estão neste planeta conosco.

Estou convencido de que o conhecimento científico é muito limitado, tanto nas suas versões especializadas, quanto nas tentativas transdisciplinaridade. Mesmo assim, vale a pena o esforço para desenvolver reflexões nesse campo, principalmente, no campo da epistemologia.

É inegável que as ciências humanas são um campo privilegiado de produção de conhecimento com relativa independência dos poderes políticos e econômicos. Ainda podemos desenhar sociedades humanas, em que o bem-estar geral seja a tônica. Nessa perspectiva, a atuação junto às entidades de terceiro setor é estratégica, com relação a ações ecossocioculturais transformadoras.

3 A QUESTÃO DOS PARADIGMAS CIENTÍFICOS

Um paradigma científico pode ser definido como o princípio epistemológico que orienta a elaboração e o uso dos conceitos fundamentais e operações lógicas de um método científico. O nível paradigmático é o dos princípios de seleção das ideias que estão integradas na teoria. Ele subjaz às categorias de inteligibilidade, dando aos discursos e teorias nele embasados princípios norteadores. Podemos delinear-los pela análise dos conceitos e operações lógicas utilizadas pelos métodos científicos (MORIN, 2000, p. 24-25).

O paradigma teocêntrico foi dominante na Europa durante a idade média, baseado em uma reinterpretação do platonismo e do aristotelismo à luz da teologia cristã. A teologia sistemática apropriou-se da precisão conceitual da filosofia grega. De cunho especulativa, partia dos conceitos abstratos para interpretar os fatos naturais. Submetia a produção de conhecimento ao controle da igreja católica e aos dogmas eclesiásticos. A cristandade foi uma sociedade teocrática que separava o poder espiritual do poder temporal, esse último exercido pela nobreza. A produção intelectual estava sob a censura da igreja. Os serviços de assistência social e saúde, quando oferecidos, estavam a cargo da igreja. Esse paradigma orientou impérios como Espanha e Portugal que perduraram até o século XIX. Mesmo no mundo contemporâneo, é comum cientistas assumirem no ocidente, posturas confessionais em termos religiosos e, portanto, colocarem o sobrenatural como última instância de verdade.

No mundo islâmico e no mundo hindu, o paradigma teocêntrico continua sendo hegemônico até nossos dias. Quantitativamente falando, esses dois mundos representam quase um terço da população humana no planeta. O paradigma teocêntrico justifica o domínio dos humanos sobre os outros seres do planeta, quando estabelece uma hierarquia em que as deidades estão no topo, seguidas dos seres humanos e abaixo de todos os outros seres da natureza.

Ousamos afirmar que o secularismo científico moderno é uma tendência que está longe de ser o único paradigma utilizado no campo científico.

3.1 O PARADIGMA ANTROPOCÊNTRICO

O paradigma clássico da ciência moderna se tornou hegemônico pelos desdobramentos da história europeia desde o século XVI. Relembremos rapidamente algumas de suas características:

- A distinção entre conhecimento filosófico, científico e artístico;
- A constituição de domínios especializados do conhecimento e fazeres humanos;
- Tudo pode ser explicado pela razão científica;
- A busca das leis universais fixas/constantes baseadas na experimentação e na precisão conceitual;
- A crença na objetividade do mundo exterior investigado e comprovado cientificamente, independente do olhar observador humano;
- A quantidade total de energia e matéria é sempre a mesma;
- A separação entre homem e natureza (MORIN, 2000, p. 26) e a crença de que o ser humano tem consciência, enquanto os outros seres agem de forma inconsciente e a consciência está no cérebro;
- A separação entre sujeito e objeto na qual se dissocia pesquisa reflexiva e pesquisa objetiva, implicando em uma operação lógica disjuntiva na produção do conhecimento científico (MORIN, 2000, p. 23);
- A relação causa e efeito: não há nada sem causa e quando se conhecem as causas e leis podem-se explicar os fenômenos. Supõe a existência de leis naturais e leis sociais que regem as relações de causas e efeitos. Os fenômenos são analisados de uma forma mecânica;
- A separação entre “nós” (senhores da racionalidade; civilizados modernos, emancipados, conscientes) e “eles” (dominados pelo pensamento mágico, passional ou senso comum; atrasados, ignorantes, selvagens, massificados);
- O tempo e o espaço como variáveis objetivas e mensuráveis.

O racionalismo científico se firma na sociedade moderna como a forma mais evoluída de produção de conhecimento instrumental. Uma ciência voltada à produção de tecnologias. O objetivo é produzir conhecimentos técnicos para fins práticos. Nesse paradigma o arcabouço conceitual de uma ciência é validado pela sua utilidade para descobrir algo mais acerca dos objetos investigados.

A ciência moderna (ciências naturais e ciências humanas) vai se constituindo e se instituindo com a revolução industrial. As ciências exatas aplicadas às ciências naturais produziram avanços tecnológicos, que por sua vez viabilizaram o crescimento do mercado nos setores primário, secundário e terciário da economia. Bem como a criação de redes sociais como sistemas avançados de comunicação e monitoramento das pessoas.

Esse paradigma é antropocêntrico, pois coloca na razão humana a responsabilidade pela construção do mundo humano. A categoria antropocêntrica diz respeito às posturas centradas nos seres humanos, colocando-os como ponto de partida para qualquer valoração. Concede-se aos seres humanos um lugar privilegiado ao se conceber que as pessoas são substancialmente distintas dos outros seres vivos, únicas por suas capacidades cognitivas e por serem conscientes de si mesmas; logo, somente elas podem atribuir valores (GUDYNAS, 2021, p. 10).

Nessa concepção, as plantas, os animais, os insetos, as bactérias e demais reinos biológicos são objetos de valor, nunca sujeitos de valor. Os seres são vistos como recursos para produzir mercadorias e serviços para saciar as necessidades e vontades humanas. A exploração dos recursos naturais é vista como fundamental para o desenvolvimento econômico: crescimento econômico, aumento das exportações e atração de investimentos. Essa dominação sobre o ambiente também se expressa na visão dos seres humanos como força de trabalho ou consumidores.

O ser humano empreendedor passa a ter o direito de controlar, manipular e possuir os elementos da natureza. Um processo de domesticação contínuo e expandido a todos os recursos naturais que possam gerar lucro e rentabilidade.

Dominar a natureza, dissecá-la, entender sua mecânica estão na base dos procedimentos científicos desse paradigma. As árvores se convertem em metros cúbicos de madeira para construção. O petróleo vira combustível, plásticos, remédios e outros produtos. Folhas viram adubo. Tudo passa a ser visto em função de seus fins práticos na economia. As pessoas passam a ser vistas em função de sua qualificação profissional e poder de consumo.

O desenvolvimento sustentável baseado em um capitalismo verde acaba por naturalizar o utilitarismo ao submeter a relação entre os seres do planeta e a economia humana. Mesmo em práticas autodenominadas permacultura e agroflorestal, a perspectiva utilitarista continua presente.

A hegemonia do conhecimento científico em instituições como escolas, universidade e empresas é uma das marcas identitárias herdadas do século XX.

As ciências sociais se dividiram entre uma linha revolucionária (dialética) e outra conservadora (positivismo). Outras correntes menos expressivas ligadas à fenomenologia e ao neotomismo também se fizeram presentes no século XX.

É difícil estabelecer fronteiras precisas entre as ciências humanas. Por exemplo, temas transversais como identidade e gênero atravessam a Antropologia, Sociologia, Psicologia Social, Direito, Economia, Saúde, Educação, entre outros campos do saber científico. Parte-se da distinção entre natureza, cultura e sociedade.

3.2 O paradigma ecocêntrico

O surgimento no século XX da física quântica, teoria da complexidade, paradigma biocêntrico, estudos de biomas e de abordagens como a de Carl Jung no campo da Psicologia, marcam a emergência do paradigma ecocêntrico, cuja cosmovisão concebe o ser humano como parte de um universo natural em movimento.

Vejam algumas características dessa perspectiva:

- O universo apresenta uma grande incerteza onde nenhuma parte está separada da outra. Não podemos conhecer uma parte sem levar em conta sua inserção no todo;

- A matéria quando subdividida em seus elementos mais elementares se apresenta como energia concentrada que é, ao mesmo tempo, onda e partícula. A matéria é viva nos seus elementos mais fundamentais e encontramos apenas formas diversas de energia;

- O fenômeno da inter-relação está sempre presente, seja na interdependência interna dos elementos que compõe cada organismo ou cada sistema, seja em relação aos componentes do seu ambiente. Os componentes dos sistemas vivos se organizam em forma de rede;

- Todos somos afetados pelos relacionamentos. Não somos seres separados, pois fazemos parte de um todo em movimento. Somos criadores e criaturas do ambiente;

•A mente humana é onda e partícula. Energia cognitiva baseada em um aparelho orgânico. Uma complexa coerência ordenada, resultante de uma interação criativa com o ambiente.

Dentro dessa visão holística propomos articular os âmbitos ecológicos, sociais e culturais. Podemos acrescentar as dimensões políticas e econômicas nesse apanhado perceptivo. Sociedade, cultura, ecos, política e economia são conceitos tradicionais desenvolvidos nas ciências sociais com caráter mítico devido as suas imprecisões. Porém ajudam a expressar âmbitos relacionais da condição humana.

Uma questão ontológica que se nos apresenta é conjunção de identidades múltiplas nos seres particulares. Somos sínteses de unidades ônticas que vão do macro ao microcômico. Presumimos que cada unidade ôntica pode desenvolver alguma forma de consciência ou saberes. Uma espécie de vegetal, por exemplo, é uma unidade ôntica cujo saber se expressa no código genético que carrega e a constitui.

Outro exemplo: uma peça de cerâmica no chão de uma sala é um artefato único, todavia, ele é o piso, é o edifício, é o bairro, é a cidade, é o país, é o continente, é o planeta Terra ao mesmo tempo. A impositação ôntica que fazemos representa um recorte da realidade, uma operação mental, entretanto, ela decepa a realidade. Categorias cognitivas como tempo, espaço e alteridade estão introjetadas em nós. Como resolver esse imbróglio epistemológico é um dos nossos grandes desafios.

Um exemplo que expressa de forma adequada essa questão são entidades da Encantaria de Areia, uma linha de culto de matriz afro-brasileira: “o Encantado é três em um: o encantado é ele mesmo; o encantado é o elemento da natureza, no qual ele se encantou; e o encantado é o corpo que ele usa, pra dançar entre os viventes” (SIMAS, 2018, 22”55”).

Acrescentar à nossa proposta epistêmica a dimensão emocional da percepção humana, pautada pelo enfoque enativo: há um lado emocional em todas as formas de racionalidade. Os domínios racionais estão baseados em terrenos emocionais. Nossas emoções estão presentes até na decisão de ser racionais. Raras vezes os pesquisadores têm a consciência de que estão sendo guiados por suas emoções e sentimentos (ESCOBAR, 2016, p. 101).

A superação da fragmentação do conhecimento humano entre ciência, filosofia, artes e religião parece ser um dos grandes desafios da sociedade contemporânea.

En este enfoque siempre estamos inmersos en una red de interacciones que es, a cada instante, el resultado de nuestras historias biológicas y culturales. Necesariamente co-creamos el mundo con otros (humanos y no humanos), con quienes vivimos en co-existencia (ESCOBAR, 2016, p. 101).

Todo cientista deveria ser um filósofo da ciência. A especulação filosófica lhe permite superar os limites das áreas especializadas. É um jeito para escapar dos territórios disciplinares.

A filosofia das ciências nos coloca na sobredisciplinariedade. Voaremos sobre um espaço de conhecimento comum. Podemos nos situar em um campo científico específico e nos lançarmos reflexiva e afetivamente a espaços gerais. O campo da Ética é outro locus sobredisciplinar.

Imaginemo-nos como crianças soltando pipas. Nossa pipa paira no céu atada à terra por uma linha. Agora imagine que a linha se rompa pelo vento ou por outra linha. A pipa voará desgovernada, livre e sem direção ao sabor da brisa, caindo aqui ou acolá ao acaso. Essa é a condição da indisciplinariedade. Quando libertamos nossa mente para conhecer, sem objetivos e sem métodos pré-estabelecidos.

Seguindo essa orientação, dialogar com a ciência é acessar aleatoriamente conteúdos produzidos pelos cientistas. Dialogar com a arte é apreciar obras de arte que apareçam em nossa vida. Dialogar com a religião é compreender as espiritualidades presentes em nossa sociedade que se apresentam no nosso horizonte.

Tornamo-nos filósofos, cientistas, artistas e religiosos que dialogam e experimentam a diversidade desses campos. O princípio ético-paradigmático que moldura nossa proposta epistemológica é o respeito e o cuidado com a vida.

4 A ETNOGRAFIA VIVENCIAL DE AÇÕES SOCIAIS EMANCIPADORAS

Estamos propondo e desenvolvendo uma etnografia que seja uma ferramenta para pesquisadores, ativistas sociais e profissionais comprometidos com ações ecossocioculturais voltadas para a produção de beleza e bem-estar. Ações coletivas afirmativas que buscam bem-estar pela interação baseada na criatividade e cooperação. Ações coletivas que podem ser ecológicas, políticas, econômicas, sociais e culturais.

Nesse enfoque, fazer etnografia é potencializar e dar visibilidade a ações coletivas focadas no bem-estar criativo e cooperativo. Uma narrativa densa em que o pesquisador social traz a experiência de ações coletivas. O texto traz os pesquisados, mas o pesquisador está presente no discurso. Potencializar implica em tomar consciência do outro e apoiar ações culturais voltadas para a convivência, beleza e resistência nos cenários de homogeneização cultural, crises político-econômicas e violência nas sociedades globalizadas.

Mesmo quando o investigador e os pesquisados fazem parte da mesma vivência ou ação sociocultural seus papéis sociais são diferentes. O discurso do etnógrafo sobre o outro é distinto do discurso dos outros participantes, ainda quando tentamos apenas dar visibilidade ao discurso do grupo ou pessoas com os quais estamos trabalhando.

O pesquisador reflete sobre as experiências coletivas e sobre os relatos de experiências dos outros participantes. Registra, sistematiza e analisa esses atributos culturais a partir da convivência com os pesquisados. O pesquisador social constrói sua reflexão condicionado aos quadros teóricos que utiliza para organizar suas observações e análises. Interpreta, contextualiza, traduz, produz sentidos. O etnógrafo corre o risco de predefinir e circunscrever as experiências grupais com as informações que acessa de antemão (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 1 e 3).

Tradicionalmente, antes de ir a campo o etnógrafo se informa sobre o conhecimento produzido a respeito da temática e sobre o grupo a ser pesquisado. No campo, seu olhar, seu ouvir e seu sentir são disciplinados pela teoria. Ao voltar, organiza as observações e põe ordem nos fatos, emoldurando-os a partir da teoria interpretativa que está usando. É um fazer etnográfico sobre o outro. Parece-nos importante superar essa postura para

que sejamos afetados pela experiência de encontrar o outro. Propomos fazer etnografia na relação coletiva com o outro.

Por exemplo, se o pesquisador é um estudante de Antropologia da UFRR participando de ações de apoio a migrantes venezuelanos, ele já traz uma série de conceitos sobre etnicidade e opiniões sobre a presença dos venezuelanos em Roraima (Brasil). Também estarão presentes impressões sobre indígenas, maranhenses, cearenses, gaúchos e moradores provindos de outras regiões do Brasil.

O contato direto nas ações culturais implicará em uma revisão dessas opiniões e conceitos previamente estabelecidos. No caso de vivências em danças circulares, ioga ou percepção corporal, a sinergia grupal põe os participantes em um mesmo campo frequencial.

Muitas vezes nos inserimos em ações culturais com sujeitos que tem identidades étnicas diferentes da nossa. Por exemplo: somos moradores de Roraima, no entanto, nos distinguimos dos migrantes venezuelanos. Temos atributos identitários comuns e, ao mesmo tempo, marcas distintivas.

Somos multi-identitários, vivemos várias identidades sociais ao mesmo tempo. Mas, ainda que pertençamos a uma identidade étnico-sócio-racial idêntica da que estivermos pesquisando, estaremos em um lugar diferente: a posição de etnógrafo.

Partamos da premissa que outro é uma categoria cultural construída socialmente que introjetamos desde tenra idade. Operamos com ela de forma automática. Compõe o quadro de interpretação das relações sociais com o qual operamos de forma espontânea.

Como Viveiros de Castro (2002), propomos uma subversão no interior dessa relação pesquisador-pesquisando: ambos são pesquisadores sociais, cada qual a seu modo. Acatamos a disparidade entre os discursos dos cientistas sociais e dos sujeitos pesquisados. Visando superar a prática de colonialismo intelectual, na qual o mundo acadêmico se apodera dos mundos investigados de forma cienciofágica, buscaremos a criação de encontro entre esses saberes.

Outras vezes somos agentes ativos em ações coletivas. Nesse caso, a etnografia vivencial é uma ferramenta para perceber como está o andamento das ações. Perceber o sentimento do grupo. Será um recurso para aprimorar nosso olhar sobre o que estamos fazendo.

As conversas, refeições, atividades recreativas, momentos formativos ou reuniões fornecem percepções contínuas. Podem ser encontros casuais ou planejados. Podem ocorrer em espaços formais ou espaços informais.

No caso das atividades de extensão junto a associações culturais, o estudante é pesquisador, mas pode ser também agente cultural na condição de educador, facilitador ou oficineiro. É o caso de estudantes que assumem aulas de português de acolhimento ou se envolvem nas campanhas de arrecadação de alimentos e roupas.

No processo podem surgir ambiguidades ou duplicidade de papéis e posições sociais: pesquisadores ou membros de equipes multidisciplinares podem se tornar lideranças de determinadas atividades; bem como pesquisando ou usuários podem atuar como pesquisadores ou educadores sociais em determinados momentos. Convivência é uma condição básica para fazer etnografia vivencial.

Uma etnografia centrada na relação envolve compreensões, empatia, apreensões racionais, emocionais, físicas e intuitivas. Importa-nos mais as relações sociais geradas no processo de pesquisa e os saberes produzidos no processo do que os produtos finais em si. Há uma tensão contínua entre o que o pesquisado pensa e o que o pesquisador pensa que o pesquisado pensa.

Reuniões comunitárias, audiências públicas, reuniões com instituições, reuniões de organizações representativas, assembleias, reuniões de redes de apoio, reuniões de planejamento, longas conversas clivadas de histórias alegres, tragédias e dúvidas, também estão inclusas nesses momentos de convivência.

Os almoços comunitários na Comuna do Bairro União, as aulas de português para pessoas em situação de refúgio no Recanto, as sessões de relaxamento de articulações com as mulheres do grupo Mesa Brasil da Associação Cultural Indígena Kapoi, a confecção e distribuição de 20 cestas verdes para famílias ligadas ao Movimento Cultural Apuí, são alguns exemplos de ações que participamos e acompanhamos em Boa Vista (RR) entre 2017 a 2022.

Vale observar que os docentes e estudantes têm espaços de reflexão específicos nas universidades: aulas, reuniões, projetos de pesquisa e extensão, colóquios e orientações individuais. Os outros participantes das ações também têm espaços específicos de compartilhamento de suas impressões: família, grupo de amigos, reuniões de diretoria.

Os pesquisadores e profissionais produzirão relatórios, artigos, monografias, documentários. Os grupos etnografados exprimirão seu conhecimento em falas e práticas comportamentais de forma presencial ou virtual nas redes sociais.

As ações sociais emancipadoras constituem nossas unidades de análise e nosso foco de atuação. Delimitamos essas ações sociais no nível grupal, que envolve um número pequeno de participantes diretos que podem ser observados uns pelos outros. A interação face-a-face caracteriza essas vivências grupais (ALEXANDER, 1987, p. 177).

Ações sociais, ações culturais, ações ecológicas, ações transformadoras, ações coletivas e ações ecossocioculturais são algumas expressões que temos usado para denominar ações emancipatórias. Todavia, o adjetivo que qualificará a ação depende do enfoque de cada situação concreta.

Consideramos ações emancipatórias aquelas ações que produzem significados ou ressignificações para os participantes diretos, mas também reverberam nos participantes indiretos e nos campos de informações ou campos mórficos conectados na ação. Nesse sentido, os vetores de tempo e espaço podem ser extrapolados. Pode ocorrer uma espécie de ressonância ou reverberação para além do grupo que participou diretamente da ação.

Os padrões sociais recorrentes nas ações coletivas etnografadas revelam continuidades. Podem ser aplicados a um número infinito de situações possíveis enquanto que o temporal, o espacial ou o escopo social de uma ação estão sempre ligados à particularidade das ações (ALEXANDER, 1987, p. 343).

4.1. PRINCÍPIOS EPISTÊMICOS

A seguir apresentaremos os princípios epistêmicos que orientam nossa proposta etnográfica.

4.1.1. **Presença**

Estar presente é a condição básica para o encontro com as coletividades envolvidas em ações culturais geradoras de bem-estar. Nessa concepção, a pesquisa é um encontro. O que supõe estarmos disponíveis para perceber o outro para além das palavras. É olhar, é tocar, é observar, é interagir, é expor-se, é estar no aqui e agora. Trazemos os pressupostos princípios, teorias, conceitos, valores, técnicas de observação e intervenção para o aqui e agora da ação ecossociocultural, mas colocados em stand by, permitimo-nos abrir mão de planejamentos, se necessário. A situação concreta nos guia.

O direito ao bem-estar e à beleza, à construção de vínculos afetivos e à construção de espaços de diálogo compõem o horizonte utópico do campo relacional no qual nos movemos.

Propomos um estado de presença que consiste em pôr nossa atenção no aqui e agora. Uma tentativa de suspender ou atenuar nossas representações significativas do mundo é estarmos presentes, apoiando e fazendo a interlocução com as participantes de ações culturais em andamento, bem como com os companheiros de pesquisa. Com cuidado e prudência atribuiremos significados e nos posicionaremos sobre ações a serem desenvolvidas. Propomos atenuar os enquadramentos teóricos baseados em juízos previamente estabelecidos.

Essa postura evita operar com previsões, ao contrário, admitimos o incerto e o imprevisível como componente do horizonte existencial. Se trata de estar disponível para o inesperado e para a irremediável incerteza dos movimentos da vida (MORIN, 2000, p. 79). A Primeira Guerra Mundial, a gripe espanhola, a Segunda Guerra Mundial, a contracultura, a pan-industrialização e a pandemia do coronavírus são exemplos de acontecimentos inesperados que envolveram os ecossistemas e as sociedades humanas como um todo.

Um dos desafios é combinar linguagem e tempo acadêmicos com os tempos dos coletivos envolvidos nas ações socioculturais. Tentamos fazer um diálogo de saberes transitando entre a linguagem científica e a linguagem coloquial, abrindo possibilidades de utilização de linguagens das artes.

Algumas implicações dessa presença junto aos coletivos das ações culturais são o consentimento para dar publicidade sobre o andamento das ações e a clareza sobre as instâncias diretivas e relações de poder internas de cada ação e do movimento social ou cultural como um todo.

Esse estado de presença está baseado na nossa corporeidade. Estar presente é uma experiência que envolve percepção e interação com o ambiente que nos cerca. O corpo é a base de nossa experiência relacional.

Nossos corpos são organismos vivos que interagem de forma contínua com o ambiente. Quando falamos em ambiente incluímos o mundo imaginário, dimensões desconhecidas e formas de energias imperceptíveis. Estados sólidos, líquidos, gasosos, eletromagnéticos, vibracionais, entre outros, compõem os ambientes do universo no qual vivemos.

Somos uma sequência de fatos vivos. Constituímo-nos como microambientes em rede que compõem um organismo. Uma das ações que

essa organização espacial permite é a circulação de nutrientes e substâncias, além de ser um microcosmo para seres microscópicos como bactérias, bem como se mover no campo gravitacional. (KELEMAN, 1992, p. 16).

O corpo humano se configura nas interações socioambientais. As heranças genéticas e as interações socionaturais geram padrões somaticamente configurados, os quais revelam nosso modo de ser no mundo, fazem parte da inteligência corporal. A configuração corporal é a forma pela qual percebemos o mundo e a nós mesmos. Os limites entre o ambiente interno e externo são tênues e porosos, mas é possível percebê-los, quando se trata de corpo físico.

O movimento de dentro para fora e de fora para dentro é uma constante da vida humana, a tal ponto que sua identidade se constitui e se transforma nesse processo de comunicação permanente. Interpretamos o que vivemos segundo nossas representações simbólicas ou esquemas de percepção. Somos seres interativos, uma vez que nos comunicamos com o meio circundante. Este trecho da canção Serra do Luar de Walter Franco expressa poeticamente com muita profundidade essa condição de interatividade contínua do ser humano:

Viver é afinar um instrumento,
De dentro pra fora, de fora pra dentro.
A toda hora, a todo momento.
De dentro pra fora, de fora pra dentro.

Perceber o próprio corpo é de grande importância no decorrer das relações e processos sociais nos quais estamos envolvidos, em especial, nos processos de pesquisa etnográfica vivencial. O que sentimos se expressa em termos corporais. A consciência refinada do próprio corpo é uma habilidade necessária para fazer pesquisas comunitárias calcadas nas ações culturais.

Quanto à percepção dos valores morais, crenças e ideias depende de elaborações no nível mental. Emoções e imaginação são componentes de nosso existir corporalmente. Nosso corpo revela nossa atitude diante da vida. Expressa nossas atitudes diante das relações sociais nas quais estamos inseridos durante nossos trabalhos de pesquisa. A declaração verbal é outra forma de revelar nossas posturas existenciais, mas nossas atitudes corporais compõem uma linguagem mais ampla que revela como estamos e quem somos.

As vivências de percepção corporal nas Rodas do Lavrado (2018-2019) envolveram exercícios de relaxamento de articulações, relaxamento muscular,

respiração, dissociação de movimentos corporais, criação de movimentos corporais pouco usuais e toques conscientes. Exercícios visuais, cantos ao vivo e movimentos em duplas também compunham as dinâmicas de percepção corporal. Priorizamos dinâmicas grupais que estimulassem o olhar disponível, a escuta sensível e o toque consciente.

a) Visão disponível

Nossa visão nos permite fazer a conexão com o ambiente. É um canal de ligação sensorial entre nosso interior e exterior. Quando nos conectamos com nossa visão de forma consciente, nos conectamos com a luz e a obscuridade, com a natureza, com o ambiente físico e uns com os outros de maneiras fundamentais, simples e belas. Exercícios como correr de costas, olhar atentamente os detalhes, olhar ao longe e olhar de perto são exercícios que nos permitem desenvolver a habilidade de colocar nossa atenção nas imagens visuais que nos chegam. De acordo com Meir Schneider (2012, p. 20) os nossos sentidos nos ligam internamente com outros seres humanos, com o nosso ambiente e com nós mesmos (as), mas, talvez nenhum faça isso com mais intensidade do que o sentido da visão.

Vamos citar um exercício de percepção para estimular o estar presente. Fechamos os olhos e quando os abrimos movimentamos nosso olhar sobre o campo visual a nossa frente, acompanhando o contorno das imagens. Sem se preocupar se estamos vendo com clareza ou o que estamos vendo. Apenas deixamos o olhar correr livre e contínuo. Se trata de deixar as pessoas e situações se manifestarem, um exercício simples de redução dos conceitos prévios que trazemos, inclusive, dos quadros teóricos com os quais analisamos e nos pomos nas pesquisas sociais.

b) Escuta sensível

Apresentada por René Barbier (2007), a escuta sensível se orienta nessa mesma direção. Essa postura se aproxima do conceito de poiesis para a fenomenologia e do conceito de não-ação para o Taoísmo. Essa escuta pressupõe um momento de observação e disponibilidade para a contemplação. À medida que vamos nos relacionando, mediados pelas ações culturais que acompanhamos ou desenvolvemos, vamos construindo laços

e formando imagens uns dos outros. À medida que nos deparamos com os desafios macrosociais presentes no cotidiano dos grupos, passamos a delinear quadros teóricos para compreendermos suas complexidades. Se permanecemos atentos (as) ao movimento da vida no cotidiano passamos a reelaborar esses quadros de referência. A escuta sensível apoia-se na empatia. O (a) pesquisador (a) deve aprender a sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para “compreender do interior” suas atitudes, seus comportamentos, sistemas de ideias, de valores, de símbolos e de mitos (BARBIER, 2007).

Os momentos de partilha verbal das experiências nas Rodas do Lavrado (2018-2019) ocorriam, geralmente, após as práticas corporais em grupos, eram também momentos de escuta sensível. O que significava que a palavra do outro era respeitada na sua integralidade: forma e conteúdo. Esse momento de ser ouvido é um momento de empatia. Foram vários os momentos de comoção coletiva, pois as vivências remetiam a estados de alegria, mas, às vezes traziam à tona sofrimentos. Em um dos encontros, três participantes que haviam perdido entes queridos compartilharam as suas experiências. O acolhimento nos falava aos ouvidos.

A escuta sensível compreende uma aceitação incondicional da manifestação do outro. Não envolve projeções de significados ou juízos de valor em relação aos discursos dos outros. Busca compreender sem aderir às opiniões ou se identificar com o que é enunciado ou praticado. Esse tipo de escuta é também um procedimento de comunicação para o etnógrafo que pode expor suas emoções, seu imaginário, suas perguntas e seus sentimentos mais profundos. Ele está presente, inclusive, ele pode deixar de trabalhar com um grupo se algumas condições se chocarem com seus valores ou com sua filosofia de vida.

Temos aqui uma aproximação das posturas meditativas do zen budismo e taoísmo, nas quais a mente deixa de lado a interpretação das coisas para somente estar presente sem julgá-las ou extrair dos acontecimentos, conclusões. Vivemos mergulhados na palavra e no silêncio.

Essa tentativa de seguir o movimento geral da vida está longe de ser submissão. Ao contrário, é sentir os movimentos sociais, políticos, econômicos, ideológicos macros e micros para nos posicionarmos. Em uma sociedade marcada pela “overdose” de informações e manipulação das

opiniões, conseguir sentir para onde direcionar nossos pensamentos e ações é um grande desafio.

Outro momento de escuta sensível se deu durante as danças circulares na Comuna e no Recanto nos meses de julho e agosto de 2019. As músicas utilizadas formaram o campo sonoro para vivências em grupo. Aqui escuta sensível significou um “deixar-se levar” pela música e pelas coreografias propostas. Saímos do binômio escuta-fala para o binômio escuta-dança-interação grupal.

Voltemos à questão da escuta sensível no processo de registro etnográfico. Estamos todos presos a esquemas de percepções ou quadro de representações simbólicas provindas de nossas famílias, de nossas classes sociais, de nossos ambientes de trabalho, de nossos amigos, de nossas religiões, enfim, de nossa cultura.

Os diversos papéis sociais e os estatus sociais que assumimos nas organizações sociais que estamos inseridos condicionam nossa percepção dos mundos nos quais vivemos. Entendemos este assumir como introjetar esses papéis, ou seja, nos identificamos com eles. Inspirados em Barbier (2007) passamos a definir quem somos a partir do desempenho desses papéis. Mesmo com esses condicionamentos é possível nos comunicarmos com os outros seres.

Ele recomenda que é preciso saber apreciar o “lugar” diferencial de cada um no campo das relações sociais para poder escutar sua palavra ou sua capacidade “criadora”. Antes de situar a pessoa no seu “lugar”, começamos por reconhecê-la na sua capacidade de pessoa complexa dotada de liberdade e de imaginação criadora.

A psicanálise introduziu os conceitos de transferência e contratransferência na relação entre analista e analisando. O paciente projeta angústias e desejos sobre a figura do psicanalista e, inversamente, o psicanalista projeta sobre o paciente seus desejos. Esse fenômeno também ocorre nas relações de trabalhos corporais em grupo. Pode acontecer que projetemos sobre os outros, as nossas expectativas, nossas frustrações ou nossas idealizações, o que exige certa atenção constante do pesquisador social para os sentimentos que afloram durante as ações coletivas.

A escuta sensível não está assentada na interpretação dos fatos. Nesse plano, a escuta sensível é mais arte do que ciência, pois evita impor modelos interpretativos e impor modelos de referência. Isso seria para Barbier (2007) um “silenciar diante do outro”.

A atribuição de sentido cabe em um segundo momento. O etnógrafo dispõe de conhecimentos antro-po-eco-bio-sociais trazidos de sua experiência e leituras em ciências sociais que ele pode colocar à disposição do grupo, se esse desejar.

c)Tato consciente

O tato é outro recurso sensorial que utilizamos nas Rodas do Lavrado e vivências na disciplina Antropologia do Corpo. É um sentido que se estende por toda superfície da pele. O tato nos fornece informações sobre temperatura, textura, volume, densidade e forma dos seres. Pressão, dor, prazer, temperatura, movimentos, fricção, espasmos, calafrios e o gozo são alguns dos elementos envolvidos com o tato. O tato nos permite tomar consciência do corpo.

O tato consciente é uma forma de desenvolver a consciência corporal de si, dos outros e dos objetos que compõem o ambiente. A construção de nossa imagem corporal está, em grande parte, condicionada ao tato consciente, ele também estimula a respiração, a circulação sanguínea e as sinapses nervosas. Estimular a percepção superficial e profunda da pele também estimula o sistema imunológico e digestivo. O tato consciente é a base do contato consciente (DASCAL, 2008).

Pelo contato ultrapassamos os limites de nossos corpos. Interagimos. Pelo contato incluímos em nossa percepção o campo do espaço que nos rodeia. Ampliar essa capacidade nos permite aumentar nossa capacidade de comunicação. A atenção é dirigida intencionalmente para além dos limites do próprio corpo e consiste na troca ativa consigo mesmo, com os objetos, com as outras pessoas. Dascal (2008) compreende que a experiência do tato consciente é conexão criativa, podendo chegar a ser simbiótica. A exploração do eixo e dos centros de gravidade é parte fundamental da experiência do tato consciente, pois o contato se dá no movimento corporal.

O abraço é um exemplo desse perceber o outro e expor-se ao outro. A finalização das Rodas do Lavrado com a troca de abraços era um rito de confiança, proteção e encontro. Abraçar é se aproximar. Abraços acolhedores, completos, aconchegantes. Essa proximidade corporal nem sempre é possível, predisposições e interdições culturais muitas vezes são predisposições que inviabilizam aproximações desse gênero. O distanciamento social imposto

durante a pandemia do coronavírus em 2020/2021 foi uma medida sanitária que interditou os abraços.

A incorporação do tocar no fazer etnográfico é um desafio que deve ser encarado com prudência, uma vez que depende da disponibilidade do grupo com o qual se está trabalhando. Tocamos também objetos. As coisas têm vida social. Esse exercício consiste em pegar as coisas e senti-las. Textura, peso, densidade. Prestar atenção também nas sensações que elas nos causam. Muitas vezes os objetos se tornam extensão de nosso corpo. Uma cadeira, por exemplo, nos permite permanecer elevados, se tornando uma extensão de nossa coluna vertebral.

Desenvolvemos uma metodologia nas Rodas do Lavrado e na Antropologia do Corpo na qual cada participante realizou o registro de suas vivências podendo recorrer, preferencialmente, às linguagens do campo da Arte. O momento da partilha implicava na seleção dos conteúdos e na possibilidade de incorporar reflexões: foram relatos de experiência enriquecidos com uma multiplicidade de pontos de vistas.

Enfim, a presença epistêmica é um momento de observação, disponibilidade e contemplação. À medida que vamos nos relacionando mediados pelas ações culturais que acompanhamos ou desenvolvemos, vamos construindo laços e formando imagens uns dos outros. À medida que vamos nos deparando com desafios macrossociais presentes no cotidiano dos grupos, vamos delineando quadros teóricos. Se permanecermos atentos ao movimento da vida no cotidiano estaremos sempre reelaborando esses quadros de referência.

d) Olfato, paladar e cinestésico

Nesse conjunto de sentidos que permitem nossa presença no “aqui e agora” estão também o olfato, o paladar e o cinestésico.

4.1.2 Empatia, centralidade das relações e construção de redes de solidariedade

A etnografia vivencial faz parte do campo da pesquisa-ação participante. Os processos de pesquisa e extensão participantes são relacionais, implicam em inserção e familiarização, aqui entendidas como esse conhecimento

mútuo decorrente da confiança que vai se criando à medida que convivemos. Envolve compromissos e emotividade.

Buscamos a superação da distância tradicional entre sujeito-pesquisador e sujeito-pesquisado. A inserção implica em relações pessoais e em objetivos comuns com grupos e organizações sociais, ela provoca um engajamento integral (intelectual, emocional e físico), porém, se resguarda a cientificidade na elaboração e reflexão sobre os dados, bem como na construção do referencial teórico.

Podemos apresentar alguns eixos orientadores do pesquisador nesse processo: Compartilhar apaixonadamente com pessoas reais momentos redutores de distância do outro no interior do seu cotidiano; essa relação é um estado afetivo que envolve “fé” nas pessoas, confiança, empatia; uma paixão permeada de frustrações, decepções, raivas, decepções e desânimos.

A turma da disciplina Organizações Internacionais do Curso de Relações Internacionais realizava intervenções no Centro de Referência aos Imigrantes nas quintas-feiras de manhã (2017), depois renomeado Abrigo do Pintolândia. Quando convidavam os abrigados para a aula de português os indígenas se adiantavam e ocupavam praticamente todos os lugares. Os criollos, venezuelanos não-indígenas que eram minoria no alojamento, ficavam fora da aula. Durante a aula alguns que tinham mais informações tentavam impor seu ritmo, monopolizando a atenção dos educadores. O conflito de interesses era evidente e a mediação dos estudantes crucial para a realização das aulas. Mesmo que nunca tenham passado por situação semelhante, seu papel, naquele momento, exigiu o desenvolvimento da capacidade de mediação. Foi desafiador.

Certa feita, na manhã do Ano Novo de 2017, a equipe da Fraternidade Internacional, ONG humanitária que gerenciava o CRI, deparou-se com um abrigo com lixo espalhado por todo o espaço, quase todos os adultos caídos pelo chão após um alto consumo de álcool na noite de Ano Novo. Desconsolados, entraram na viatura dos bombeiros e voltaram para casa. Retornaram no dia seguinte e após avaliação com as lideranças dos abrigados se retomou a rotina pactuada. Mas o estado de choque que eles vivenciaram naquele dia provocou sentimentos de exasperação muito fortes nos ativistas.

Durante o transcorrer das ações socioculturais nos deparamos com situações que nos afetaram profundamente. A complexidade da sociedade se apresenta de formas intensas. É importante identificar os sentimentos que nos atravessam frente à discriminação, à miséria e à violência.

Um clown venezuelano que faz performances em semáforos relata que um motorista ao ser abordado por uma indígena warao pedinte, abaixa o vidro, saca uma vasilha com pedaços de gelo e lança sobre ela. Um estudante relata um episódio semelhante em que um senhor migrante que vende laranjas no semáforo é escorraçado aos berros por um motorista que lhe ordenava que voltasse para seu país. Crianças, jovens e adultos expostos ao sol e à poluição em situação de mendicância. Trabalhadores recebendo diárias de 20 reais. Mulheres vivendo em cárcere privado em prostíbulos.

São fatos que nos tocam e apelam para reverter esse quadro social. Muitas vezes nos sentimos impotentes, tocados pela tristeza e indignação. Por isso nós necessitamos de espaços em que possamos nos expressar, conversar e trabalhar de forma lúdica e corporal nossos medos, angústias e raivas frente a situações de violência que nos afetam. Necessitamos estar atentos a nossos impulsos de violência para evitar projetá-los sobre os demais, nem os reproduzir nos momentos que estamos trabalhando com a comunidade. Há também as tensões e conflitos entre membros da equipe de pesquisa e entre participantes das atividades.

As situações cotidianas de pesquisa e extensão expõem os pressupostos e os conceitos que fomos construindo durante nossa vida, durante nossa carreira profissional, durante nossas atuações em projetos sociais. Trazemos uma visão de mundo, uma série de experiências e posturas. Quando nos encontramos em espaços compartilhados com o outro tendemos a realizar uma operação de enquadramento. O oposto também é válido. Os sujeitos sociais com quem trabalhamos também tendem a emitir juízos sobre nós a partir de conceitos já construídos.

Por exemplo, quando fomos em 2018 até as prostitutas da região da Feira do Passarão (Boa Vista – RR) para convidá-las para as aulas de português de acolhimento, nos distinguimos dos clientes e das profissionais do sexo. Os clientes que abordavam as prostitutas e os grupos que conversavam conosco, quando informados que éramos da universidade, nos enquadravam dentro de um quadro de expectativas do que era uma universidade. Bem como nos vimos envolvidos em um redemoinho de sensações e pensamentos em relação à situação que estávamos testemunhando.

Segundo Alejandra Cedeño (2012, p. 16) a troca construtiva deve ser nosso guia na construção de redes horizontais no cotidiano dos trabalhos junto a grupos vulneráveis e contra-hegemônicos, seja no âmbito das

políticas públicas, seja no âmbito do terceiro setor, fortalecendo iniciativas potencializadoras que existam no lugar. Podemos ajudar sem atrapalhar quando conversamos com as pessoas de forma compreensível, traduzindo os vocábulos técnicos das diferentes profissões e políticas públicas, para que tendo acesso a eles, possam ter mais clareza para tomar as decisões. Podemos também usar nossa posição de intelectuais reconhecidos para mediar conversações entre grupos populares de migrantes ou indígenas e os órgãos governamentais ou empresariais.

Caminhamos na direção de uma comunicação profunda baseada na empatia. Orientar a atenção para a alteridade com sentimento, perceber as necessidades alheias e expressar nossos desejos e sonhos fazem parte desse processo. A empatia é a compreensão respeitosa do que os outros estão vivendo. O filósofo chinês Chuang-Tzu afirmou que a verdadeira empatia requer que se escute com todo o ser, ela ocorre somente quando conseguimos atenuar as ideias preconcebidas e julgamentos a respeito deles. Martin Buber, filósofo israelense nascido na Áustria, descreve essa qualidade de presença que a vida exige de nós da seguinte forma: Apesar de todas as semelhanças, cada situação da vida tem, tal como uma criança recém-nascida, um novo rosto, que nunca foi visto antes e nunca será visto novamente. Ela exige de você uma reação que não pode ser preparada de antemão. Ela não requer nada do que já passou; ela requer presença, responsabilidade; ela requer você (ROSENBERG, 2006, p. 96).

É um deixar-se levar intervindo ao mesmo tempo. Nossa intencionalidade orienta nosso campo de ação. Cada atividade ou ação específica que vá surgindo nesse movimentar-se coletivo comporá esta grande sinfonia improvisada. Os grandes temas perenes e pontuais presentes na vida humana se manifestarão, porém, as formas como serão abordados ou digeridos nos momentos coletivos dependerá de cada situação.

Temos que buscar uma estratégia para evitar que essa postura entre em contradição com a necessidade de analisarmos de forma crítica as relações de poder nos âmbitos do micro e macrosocial, à medida que procuremos deixar de lado um enquadramento teórico-crítico em relação às relações de opressão presentes nas estruturas sociais.

A nosso ver, uma leitura crítica do que percebemos pode ser feita por um processo de reconhecimento ou significação posterior aos encontros para fins de pesquisa e ação, um momento de distanciamento e releitura dos registros

que fizermos no calor das emoções. Nesse processo podemos ancorar nossas análises nas ideias de outros pesquisadores.

4.1.3 Transformação social, autonomia e emancipação social

A compreensão das tendências estruturantes das sociedades globalizadas é necessária tanto para desvendar os mecanismos de dominação das corporações e estados quanto para estabelecer horizontes utópicos. Essa visão tem sido uma prática dos movimentos voltados para a transformação social.

Vamos começar nossas reflexões sobre esse princípio epistemológico dialogando com o pensamento de Paulo Freire. A transformação social é um fio condutor que perpassa a obra de Paulo Freire do começo ao fim. O homem deve ser sujeito da história e não objeto, transformar o mundo, expressá-lo e expressar-se são próprias dos seres humanos (FREIRE, 1983a, p. 108). Porém, ao criar o mundo material e simbólico os homens são também por ele condicionados. O homem chega a ser sujeito por meio de ações coletivas e organizadas para a construção de sua humanidade destruída nas relações de poder opressivas (FREIRE, 1983a, p. 105).

A grande luta dos seres humanos é a luta pela humanização que consiste em tomar consciência de nossas ações, em atuar em função das finalidades que estabelecemos e impregnar o mundo com nossa presença criadora (FREIRE, 1985a, p. 105). Somos desafiados pela realidade e a desafiamos. Somos desafiados pela dramaticidade de cada momento, agimos superando o desafio e criando novas situações. Não estamos em um presente estático, nem em um futuro predeterminado (FREIRE, 1983a, p. 84; 1986, p. 34).

Esse movimento emancipatório envolve compreensão das estruturas políticas e econômicas da sociedade globalizada contemporânea, a partir do diálogo e da percepção do cotidiano das pessoas em torno de temas relevantes levantados pelos grupos, bem como perceber os padrões de distinção de idade, raça, etnia, religião, classe social, gênero, entre outros, que condicionam nossa percepção e nosso comportamento no correr das relações sociais.

Os organismos vivos interagem de forma contínua com o ambiente. Assumimos o postulado que esses organismos operam como sistemas interconectados, interdependentes ou intercomunicantes. Do ponto de vista ôntico, temos uma pluriontologicidade na constituição das relações dos seres que existem nesse planeta.

Do ponto de vista epistemológico temos o desafio de estabelecer impositões óticas para fins de compreensão da realidade ecossociocultural, inclusive, ao orientarmos nossos interesses de conhecimento intervimos no ambiente ao promover a emergência de realidades ou entidades ecossocioculturais.

A simultaneidade e a movimentabilidade das relações no seu conjunto trazem outro desafio no nível dos conhecimentos científicos. As ciências modernas primam por buscar constâncias ou leis nos fenômenos “naturais” e “socioculturais”. Nosso propósito é outro: submergir no instante para produzir saberes metafóricos e reflexivos que sustentem ações ecossociotransformadoras.

Para fins de registro e reflexões partimos de impositões óticas particulares e pontuais destacando nelas estruturas ou fenômenos regulares ou perenes. Do ponto de vista metodológico o ponto de articulação são as comum-unidades orgânicas constituídas em torno de ações ecossocioculturais, estando embutido nesse procedimento uma impositão ótica. Essas ações ecossocioculturais são unidades-ato. Nesse formato, os níveis ontológico, epistemológico e metodológico constituem um mesmo movimento accioinvestigativo.

Uma situação emblemática que enfrentamos nas ações culturais acima descritas é combinar a visão de mundo dos participantes com informações provindas do campo científico. Por exemplo: a terminologia do texto que usamos para discutir alimentação imunomoduladora e anti-inflamatória na Comuna no início da quarentena em 2020 é eminentemente técnica, bastante distante da linguagem coloquial, entretanto, a problemática sobre resistência ao coronavírus estava clara para todos.

Da mesma forma os alimentos citados no texto eram de conhecimento comum e vários integrantes do grupo tinham experiências com alimentos que fortalecem o sistema imunológico. Então foi possível avançar na elaboração de uma lista de alimentos saudáveis para serem consumidos na quarentena entre 17 de março a 31 de julho de 2020 pelos moradores da Comuna.

Reverter a tendência dos agentes culturais que estão coordenando as ações para assumirem o papel de professores típicos da educação bancária é outro desafio constante. Como observa Paulo Freire em um escrito sobre ação cultural e reforma agrária de 1968, não se trata de sobrepor-se a visão de mundo do oprimido e invadi-los culturalmente ou de adaptar-se a ela (FREIRE, 1982, p. 30). Em outro texto ele afirma categoricamente:

Sempre confiáramos no povo. Sempre rejeitáramos formas doadas. Sempre acreditáramos que tínhamos algo a perguntar com ele. Nunca exclusivamente a oferecer-lhe...só nas bases populares e com elas, poderíamos realizar algo de sério e autêntico para elas (FREIRE, 1983c, p. 102).

A transformação social envolve a construção de novas sociedades e a resistência às forças hegemônicas que dominam as sociedades atuais. Todos os dias surgem milhares de pequenos e grandes espaços de resistência e criação. E quando se acabam, mudam de forma ou se manifestam de outras maneiras. Lembrar disso é importante, principalmente, em momentos de avanço das forças conservadoras e autoritárias na política mundial (CEDEÑO, 2012, p. 45).

La revelación hábil y efectiva (skillfull disclosing) de nuevas posibilidades de ser en el mundo, sin embargo, exige un intenso involucramiento con una colectividad en lugar de la tan celebrada deliberación distanciada o el entendimiento descontextualizado, característico de buena parte de la ciencia y los debates en la esfera pública. Requiere un tipo diferente de actitud que proviene de vivir en un lugar y de tener un compromiso con una comunidad con la que nos involucramos en actividades pragmáticas en torno a una preocupación compartida o alrededor de una 'desarmonía' o problemática (ESCOBAR, 2016, p. 132).

Quando falamos em resistência estamos pensando nas ações coletivas voltadas para resistir à expansão e aprofundamento das desigualdades sociais e processos de homogeneização cultural nas sociedades capitalistas contemporâneas. Houve uma expansão das políticas públicas de inclusão na América Latina, em especial, no Brasil e na Venezuela na primeira década do século XXI, porém, assistimos nos últimos anos a um retrocesso capitaneado pelas forças elitistas e conservadoras em vários países da Europa, América e Ásia. Em Roraima, além do retrocesso político, assistimos à militarização do fluxo migratório a partir de 2018. Nessa perspectiva podemos falar em re-existência, uma reafirmação de existires, formas de estar no mundo, perdidas pelas dominações imperiais.

Queremos potencializar as formas de resistência e de criação que fortaleçam subjetividades rebeldes, que sejam sensíveis ao horror e que questionem a lógica de expansão e concentração do capital sem limites. Na carta sobre o direito e o dever de mudar o mundo terminada no dia 17 de abril de 1997, Paulo Freire escreve:

É certo que mulheres e homens podem mudar o mundo para melhor, para fazê-lo menos injusto, mas a partir de sua realidade concreta a que “chegam” em sua geração, e não fundadas ou fundadas em devaneios, falsos sonhos sem raízes, puras ilusões. O que não é, porém, possível é transformar o mundo sem sonho, sem utopia ou sem projeto [...]. A transformação do mundo necessita tanto do sonho quanto da indispensável autenticidade deste depende da lealdade de quem sonha às condições históricas, materiais, aos níveis de desenvolvimento tecnológico, científico do contexto do sonhador. Na verdade, a transformação do mundo a que o sonho aspira é um ato político e seria uma ingenuidade não reconhecer que os sonhos têm seus contra-sonhos (FREIRE, 2000, p. 26).

As relações sociais se constituem nas microssociais cotidianas, transformá-las com vistas a uma convivência humana em que haja bem-estar e respeito ao conjunto de seres que interagem conosco é nossa utopia, nosso sonho e nossa meta.

Vale observar que as noções de microssocial e macrossocial dependem das referências para mensuração de grandezas. Por exemplo, nossa fauna intestinal é um microbioma se a comparamos com uma floresta. Mas ela é um macrobioma se comparada com o nível atômico. O sistema solar é um macro sistema se comparado com nossa biosfera, não obstante, é um microssistema se comparado com a via láctea.

Podemos aqui nos orientar por estabelecer unidades ônticas, desconsiderando sua dimensão espacial ou quantitativa ou podemos estabelecer uma escala de grandeza que vá da sociedade global ao indivíduo. Na primeira opção deixamos de lado a distinção entre macrossocial e microssocial. Na segunda opção mantemos essa distinção por achá-la útil para fins de análise e busca da autogestão.

Fazemos pesquisas engajadas que fomentam a emancipação social, pesquisas sociais mescladas com apoio e atuação. Quando nos aproximamos do campo de pesquisa essa intenção faz parte de nosso campo epistemológico. Intenções, sonhos e utopias aqui são conceitos muito próximos.

Para Alejandra Astrid Cedeño (2006), a emancipação tem a ver com a ocupação de espaços de possibilidades. Como potência e resistência que é cotidiana e fractal. Sua extensão e intensidade na contraposição aos sistemas de controle baseados na força bruta e introjeções sutis são irregulares e dinâmicas. Exercemos poder quando nos juntamos para afirmar nossos

“sonhos” e ao fazê-lo ocupamos espaços físicos, virtuais, sociais e emocionais que haviam sido tomados.

As mudanças na macroestrutura a partir de ações no nível microsocial serão perceptíveis mais adiante e não no momento que se está vivenciando as ações sociais (ALEXANDER, 1987, p. 323).

Denominamos a emancipação social como tomada de consciência em relação às estruturas socioculturais opressivas e à construção de *modus vivendi* coletivos que produzam bem-estar. Isso supõe uma compreensão crítica do cenário macrossocial. Compreender as estruturas políticas e econômicas geradas pelo capitalismo especulativo contemporâneo, a partir da percepção do sofrimento no cotidiano das pessoas. Bem como perceber os padrões de distinção de idade, raça, etnia, religião, classe social, gênero, entre outros, que condicionam nossa percepção e nosso comportamento no correr de ações comunitárias.

Recorrer às categorias da teoria crítica como totalidade, contradição e movimento para identificar as tendências macroestruturantes da sociedade global é uma opção que temos para a construção dessa visão crítica geral das sociedades. Contudo, cabe nos perguntarmos qual é o papel do pensamento crítico nas transformações sociais, em especial, em nossa proposta epistemológica.

Uma primeira constatação: o pensamento crítico continua vibrante e dinâmico e efervescente. Nas palavras de Arturo Escobar:

Un listado de las tendencias más notables del PCL tendría que incluir, entre otras, las críticas a la modernidad y la teoría decolonial; las prácticas de conocimientos otros y el SURear de los colectivos; los feminismos autónomos, decoloniales, comunitarios, y de mujeres indígenas y Afrodescendants; la diversa gama de debates ecológicos y de economías alternativas, incluyendo la ecología política, la economía social y solidaria (ESS), las economías comunales, y los comunes; las posiciones autonómicas; otras y nuevas espiritualidades; y las diferentes propuesta de transiciones civilizatorias, interculturalidad, elposdesarrollo, el Buen Vivir, y el post-extractivismo. Más importante aún, toda genealogía y catálogo del PCL hoy en día tiene por fuerza mayor que incluir las categorías, saberes, y conocimientos de las comunidades mismas y sus organizaciones como uno de las expresiones más potentes del pensamiento crítico (ESCOBAR, 2019, p. 38).

Podemos apontar três vertentes no pensamento crítico latino-americano: as teorias críticas providas das ciências sociais; o autonomismo comunitário;

e o paradigma centrado nas práticas ecológicas. Nos situamos na vertente autonomista, ancorados nas vivências sociogrupais de produção de bem-estar e aproximações com o paradigma quântico e ecocêntrico.

Incorporando conceitos/realidades tais como campos de energia, sinergia, comunidade e sistemas socioculturais selecionamos eixos e indicadores para compreender as tendências macroestruturais das sociedades globalizadas.

A busca de indicadores macrosociais serve de apoio para a compreensão dessas realidades ônticas mais amplas. Para evitar sermos monopolizados pelo viés do poder como principal eixo estruturador das relações sociais e da racionalidade lógico-conceitual como sistema cognitivo dominante, procuramos cruzar os indicadores macrosociais com as experiências oriundas das vivências nas ações ecossocioculturais.

A transformação das relações sociais com a finalidade de uma convivência humana em que haja bem-estar e respeito ao conjunto de seres que interagem conosco, apresenta-se como constituída por muitas microtransformações cotidianas no âmbito pessoal e no coletivo. Em muitos lugares, simultaneamente, vai-se tecendo esta rede de iniciativas transformadoras com enfoque libertário e autocrítico.

Encontramos no livro de Arturo Escobar *Autonomia e Desegno – a realizacion del comunal* uma síntese bem elaborada sobre o designer a partir do paradigma ecocêntrico. A transformação social transmutada no conceito de designer comunal aposta em uma projeção para o futuro da comunidade desejada. Ressaltamos que passado, presente e futuro são uma expressão representativa do tempo linear, nosso intuito é encontrar operações cognitivas que nos permitam superar esses condicionamentos relacionados à linearidade do tempo e espaço.

Pela presença plena talvez possamos acessar o pluriser. Uma intuição sobre o pluriser, vou expressá-la na forma de koan: “A gota d’água no rio é rio”. Posso empostar o ladrilho do calçamento como um ser. Mas posso ver o ser do calçamento. Posso vê-lo como rua, como seres em fluxo. Nossa consciência decorre de onde colocamos o ser no mundo. Denominamos isso impostação ôntica. A consciência da gota d’água existe ao mesmo tempo que a consciência do rio. São tantos saberes, tantas consciências, tantas informações codificadas quantos seres possamos constituir através de nossa percepção.

O ego consciente e o humano agente transformador da história são impositões modernas atraentes clivadas pelas relações de poder, todavia, reforça o individualismo, uma das bases relacionais da modernidade.

Potenciar e empoderar são conceitos distintos. O primeiro se refere ao potencial que cada ser tem ou cada situação de fazer emergir novas formas de vida e de conviver. O empoderamento está diretamente ligado às relações de poder e as colocam em primeiro plano.

Nesse sentido, a potenciação é revolucionária, sem que a disputa de poder forneça o balizamento das ações. Tem a ver com a potência que pode virar ato. Com energias contidas que podem se configurar em novos designers. O exemplo das órbitas dos elétrons em torno dos prótons representa bem as possibilidades de configurações possíveis dos campos de energia.

A autonomia é essa possibilidade de unidades ônticas desenharem seu ser a partir da consciência que emerge das relações pluriversais. Trata-se de uma configuração em movimento, centrada nas relações. Em termos de organizações sociais, trata-se da construção e execução de ações socioculturais a partir das possibilidades que surgem ou emergem das situações sociais que estamos vivendo. Podemos denominar essa perspectiva de autogestão relacional.

A possibilidade de autonomia das organizações sociais envolve a questão do autorreferenciamento constituído nas relações socioinstitucionais. Essas organizações podem vir a constituir sistemas ecossocioculturais autorreferenciados, autores como Maturana e Luhman usam o conceito sistemas autopoieticos.

Podemos definir sistemas autopoieticos por sua habilidade para reproduzir os elementos que os compõem pelo uso dos elementos que os compõem. Sistemas autopoieticos são sistemas auto-organizados, capazes de formar e mudar suas próprias estruturas e produzir suas próprias unidades elementares, as quais o sistema trata como indecomponíveis, como consistência de sua última “substância”. São sistemas que dependem de seus próprios elementos para continuarem suas operações. Eles definem e especificam seus próprios limites. O ambiente, certamente, é condição necessária tanto para a auto-organização quanto para a autopoiesis, mas não é um estado específico do sistema. Ele pode ser interpenetrado por “ruído”, irritação e perturbação, e pode ou não desligar os efeitos internos de interpretação e adaptação (ALEXANDER, 1987, p. 113).

A autogestão relacional envolve interações ecossocioculturais. Interações são adaptações às condições sociais externas levando em conta a organização

interna da organização. A definição dos limites e manutenção dos limites das ações socioculturais transformadoras são parte da reprodução autopoietica. Os caminhos de construção dos limites e administração dos acoplamentos entre sistema e ambiente diferem, entretanto, de situação para situação (ALEXANDER, 1987, p. 114).

Esse processo de ações socioculturais coletivas que envolvem pesquisa, apoio, assessoria e participação em ações coletivas nos trouxe a necessidade de conceituar comunidade, que é um estado de sinergia que se estabelece em um grupo de seres humanos quando estão em comunhão emocional. Buscamos formar comum-idades que criem ou se apropriem do espaço onde estejam situadas.

Esse estado unidade pode se dar no ciberespaço, no imaginário compartilhado ou no território, tipo casa, centro cultural, rua, bairro ou região. Esse espaço de compartilhamento é também um espaço de decisões, de trocas e criações. Uma comunidade pode ser permanente, tendo uma rotina, espaços de reunião contínuos, objetivos, ritos e linguagem comum. Mas, também pode ser volátil e fugaz. Pode se formar pontualmente e se desfazer, como também pode se articular em rede com parceiros, institucionais ou informais. Por isso podemos falar de comunidades territoriais baseadas em bairros, da mesma forma como de comunidades terapêuticas, comunidades temáticas, comunidades virtuais.

Pode ter apoio de pessoas, profissionais do serviço público, universitários, amigos, simpatizantes, governo, empresas ou igrejas, porém, quando se busca a autogestão, o poder de decidir de forma singular e coletiva os caminhos de sua vida repousa em seus membros. Os critérios para definir quem é membro (insiders) e quem é externo (outsiders) à comunidade pode variar de acordo com as situações. Por exemplo, o Conselho da Comunidade São Raimundo Nonato é a instância de poder que toma as decisões sobre o Arraial dos Maranhenses no Bairro Santa Luzia em Boa Vista (Brasil), todavia, o coordenador do arraial convida as instituições parceiras e grupos de boi para as reuniões e o conselho dá poder de voz e voto a esses representantes. Ou seja, construir a festa como rede implicou em incorporar agentes externos como membros da organização do evento.

Sentir-se parte de uma comunidade produz um sentimento de pertença e responsabilidade pelo lugar e pelas ações coletivas. Responsabilidade no sentido de responder-por. O Galpão Cultural (Assis – SP) e a Ciranda

(Londrina – PR) são lugares que estão sob a responsabilidade de uma ou mais pessoas que cuidam do lugar e dos equipamentos guardados nele. Essas pessoas têm a chave das salas e organizam a agenda de uso desses espaços, geralmente, são líderes das organizações. Isso também ocorre nos projetos acadêmicos que têm sala própria nas universidades, o coordenador e os estudantes que têm livre acesso são os responsáveis pela gestão do espaço.

Uma característica de comunidades autogestionárias é a busca da gestão coletiva das ações e do espaço baseada em relações horizontais. O que implica na relativização das diferenças funcionais, salariais, acadêmicas, etárias, sexuais ou étnico-raciais entre os que pertencem ao estado de comum-idade. As diferenças são reconhecidas e mantidas, mas a possibilidade de participar das decisões está ao alcance de todos os membros da comunidade. Delegar poderes a alguém para tomar decisões ou criar momentos de decisão consensual são estratégias viáveis, desde que haja comunhão emocional.

A autogestão leva em conta as leis do mercado, o controle do estado e a opinião pública, mas como elementos que compõem o cenário do sistema de controle centralizado nas instituições de poder, não como ditames aos quais temos que nos balizar. Reconhecendo que elas estão internalizadas em nós. O poder do estado e o poder empresarial serão relativizados. As mobilizações massivas no campo dos direitos sociais têm se mantido presente no cenário mundial.

Na Venezuela e Brasil as correntes políticas têm utilizado mobilizações de massa como forma de pressão. Ato massivos contra o governo e a favor do governo se tornaram parte do dia a dia dos caraquenhos até 2019 na Venezuela. Assistimos no Brasil os movimentos pró-impeachment e contra o impeachment se manifestarem massivamente de fevereiro de 2015 até abril de 2016. A participação em mobilizações massivas e a participação em conselhos para definição de políticas públicas aparecem como um espaço de trabalho em rede para grupos autogestionários.

Articular práticas socioculturais em rede tem sido uma alternativa interessante para tirar os grupos de comunidades do isolamento. O Encontro de mestres de cultura popular maranhense realizado em dezembro de 2015 pela Associação Cultural dos Maranhenses em Boa Vista (Brasil) teve como objetivo fortalecer essa rede e propiciar um espaço para se brincar de Boi, Lindô e Reisada. Interessa-nos, enquanto pesquisadores-apoiadores, conhecer e apoiar essas redes de pequenas experiências que buscam a construção cotidiana de sujeitos sociais autogovernantes.

A Ciranda de Londrina (Brasil) é o típico trabalho comunitário em rede, em que cada iniciativa tem autonomia, podendo se articular espontaneamente se for necessário. É o que ocorreu na luta contra o fechamento da escola municipal no bairro. Mas a Ciranda também é uma casa e uma entidade jurídica. E para enriquecer ainda mais essa salada conceitual, a psicóloga social e oficinaira de dança do ventre Alejandra Astrid, forjou o termo cirandinização para se referir à metodologia de pesquisa-ação participante e a gestão organizacional que estão sendo desenvolvidas no Ciranda.

O Movimento Cultural Apuí em Boa Vista (RR) é outro exemplo de autonomia no campo de ações socioculturais transformadoras. É constituído pelo conjunto das ações culturais desenvolvidas nos espaços ecossocioculturais Comuna e Recanto. A Comuna foi criada em 2005, no bairro União, por um grupo de artistas de rua que passou por Boa Vista (Roraima). O Recanto, por sua vez, foi criado em 2010 por artistas de rua, terapeutas alternativos, agroecologistas e educadores para ser um espaço autossustentável.

A partir de 2015 as casas passaram a receber refugiados venezuelanos. Atualmente funcionam como espaços ecossocioculturais onde se realizam ações como estudos e práticas de relaxamento e alimentação saudável; oficina de gênero; português de acolhimento; plantio de macaxeira na área rural; hospedagem de migrantes em passagem; moradia para famílias de migrantes; compostagem; vivências de meditação e percepção corporal; grupo de apoio e suporte a crianças em situação de trauma por refúgio; horta e jardinagem; oficina de artes plásticas; oficina de empreendedorismo comunitário; prática de ioga; mutirões para reforma e manutenção dos espaços; danças circulares; apresentações de teatro e música. As festas de aniversários e datas comemorativas, as refeições comunitárias e reuniões gerais do movimento se tornaram momentos de encontro para o conjunto do movimento.

A continuidade e ampliação das ações culturais tiveram um impulso fundamental nos últimos dois anos no apoio da CESE (Coordenadoria Ecumênica de Serviços): “Projeto de Revitalização da Casa abrigo Comuna do Bairro União” (2018), “Projeto de formação para migrantes das casas abrigo Recanto e Comuna” (2019), “Projeto para integração de mulheres maranhenses, venezuelanas e indígenas na zona oeste de Boa Vista – RR” (2019) e “Projeto Cestas básicas de alimentos imunomoduladores e comunicação virtual intramovimento” (2020); e nas campanhas de doações organizadas por uma voluntária que atualmente vive em Coimbra (Portugal),

inclusive, ela ficou imersa por dois meses nas atividades do Recanto em 2018. Nesse processo contamos também com a assessoria do Projeto de Extensão de Apoio aos Refugiados em Roraima do Instituto de Antropologia da UFRR e a atuação de estagiários de Psicologia nas ações.

Em agosto de 2019 foi criada uma associação sem fins lucrativos para operacionalizar institucionalmente parcerias. A instância para tomada de decisões continua sendo a reunião geral do movimento, na qual participam moradores das casas, participantes das ações culturais em andamento, voluntários, apoiadores e universitários. Todos com direito a voz e voto, até mesmo os adolescentes.

A noção de ecos das ações coletivas ecossocioculturais representa bem a ideia de que uma ação é um empreendimento que extrapola as intenções de quem a realiza à medida que ao entrar em um universo de interações as respostas e reações têm uma quantidade de variantes infinitas que impossibilitam um controle sobre seus efeitos e retroações. A interatividade em sua plenitude está fora do alcance da mente humana, porém, a sociedade moderna seleciona variáveis controláveis para alcançar os objetivos almejados por meio de ações planejadas.

É uma ilusão do conhecimento moderno acreditar que essa redução epistemológica garante o controle dos processos sociais e naturais. Toda ação ecossociocultural é maior que a vontade dos agentes envolvidos ao entrar no jogo de retrointeratividade do contexto na qual nasce e intervém ou interfere. É no campo da intuição que podemos perceber se as interações microssociais estão criando, recriando ou mudando as macroestruturas sociais. As intenções compõem um campo de energia, geralmente, difuso e genérico, no qual as ações coletivas se circunscrevem.

As ações sociais que acompanhamos e participamos são eminentemente humanas, apesar de envolverem elementos não-humanos. A ação humana é significativa e, portanto, mediada por quadros, símbolos com possibilidades de interação infinitas, o que torna essa experiência contingencial. Os símbolos relevantes são construções mentais. Os símbolos que guiam a ação variam em número e interdependência, variam em complexidade.

As ações sociais envolvem relações sociais, logo, os agentes culturais envolvidos agem em torno de objetivos comuns, ao mesmo tempo que interagem com organizações sociais que podem estabelecer vínculos de parceria ou confronto.

As normas internas que regulam as condutas dos agentes envolvidos nas ações se baseiam em laços intelectuais e afetivos. As convicções, o sentimento de pertença e de companheirismo são fundamentais para o desenvolvimento das ações sociais. O que garante uma estrutura regular na realização das ações, mesmo com a mudança de situações.

A regularidade no tempo e no espaço das ações ecossocioculturais também dependem do campo da intencionalidade e do movimento da sinergia em torno de pessoas, espaços e elementos materiais.

A mudança do perfil dos moradores da Comuna (Bairro União, Boa Vista, Roraima, Brasil) entre 2017-2018 de artistas de rua e neo-hippies para migrantes refugiados venezuelanos não alterou a lógica do funcionamento da casa, vista como espaço de vida comunal criativa. Talvez pela arquitetura da casa e práticas como compostagem de lixo orgânico que foram repassadas, ela tenha se adaptado ao novo público, no entanto, mantendo intenções anteriormente estabelecidas. O papel dos quadros dirigentes de referência externos à casa em termos de organização do espaço parece fundamental nesse sentido.

4.2 Registros etnográficos, relatos de experiência e reflexões

A documentação e o registro dos fatos vividos durante os processos de pesquisa de cunho qualitativo são um procedimento usual. Nessa proposta é um exercício de presença relacional. A formação de um banco de dados com essas informações faz parte desse processo, vestígios presentes dos fatos ocorridos. Elementos para o exercício ficcional da elaboração de representações que serão a base para o desenvolvimento da reflexividade.

Ter consigo uma caderneta para anotações é muito prático para anotar insights e observações. O multifone tem se apresentado como um instrumento útil nos registros de dados por ser multifuncional (gravador de voz, câmara, bloco de notas). O diário de campo é um instrumento que nasceu junto com a etnografia, no qual se registram, além das informações providas dos pesquisados, questões íntimas e pessoais do pesquisador. Ele tem um caráter de sigilo e intimidade. Nele colocamos momentos previstos, mas também situações inusitadas e imprevistas, registramos o material etnográfico, nossas análises, nossos sentimentos e os acontecimentos relacionados à equipe de pesquisa. Nesse instrumento cabe também o dia a dia de uma instituição.

No diário o etnógrafo escreve tudo o que tem vontade de anotar no fervilhar da ação ou na serenidade da contemplação. Nesse momento ele não está preocupado com efeitos de estilo. É um texto espontâneo, pode ser escrito com códigos abreviados. Empenha-se em registrar o que lhe parece importante. É capaz de escrever de qualquer modo e sobre qualquer pessoa ou situação.

Há uma intimidade no diário a que somente o pesquisador ou pessoas muito próximas e confiáveis devem ter acesso. Esse diário é um emaranhado de referências múltiplas a acontecimentos, reflexões, comentários científicos ou filosóficos, devaneios, sonhos, desejos, poemas, leituras, reações afetivas (BARBIER, 2007, p. 138).

A organização do banco de dados: organização das anotações, fotografias, vídeos, áudios e documentos é o passo seguinte. Esses dados são arquivos organizados de forma a serem acessados com facilidade. É sempre interessante salvar em cartões de memória e HDs. Quanto ao salvamento nas nuvens, depende do tipo de dados armazenados, pois há o risco de quebra de sigilo.

A reflexividade nas sociedades modernas está diretamente envolvida com a geração de conhecimento sistemático sobre a vida social. As práticas sociais são constantemente examinadas à luz das informações sobre as próprias práticas. A própria natureza da reflexividade é objeto dessa operação sociocognitiva (GIDDENS, 1991, p. 45).

Os relatos de experiência são produzidos pelo pesquisador, ou equipe de pesquisa, quando ele vai apresentar um testemunho e/ou refletir sobre as vivências para alguém, para grupos, instituições ou publicar em canais especializados. É o caso dos artigos para revistas, dos relatos de experiências para turmas em disciplinas, para reuniões de supervisão de estágio, para grupos de apoio ou para participantes de ações culturais ou movimentos sociais.

Eu o faço com um tipo de escuta flutuante do que já está escrito, deixando-me levar pela ressonância criadora à deriva analógica. Dessa maneira, outras reflexões, outros fatos vêm-me à memória os quais registro imediatamente. Depois eu componho o texto do que eu quero transmitir a alguém. Parto da ideia que eu tenho uma estima verdadeira pelo meu leitor ou meu ouvinte. Eu me obrigo a apresentar-lhe um texto trabalhado, respeitando assim sua qualidade de leitor. Meu texto deve tocá-lo no mais profundo do seu ser, interrogá-lo sobre suas “evidências” (BARBIER, 2007, p. 138).

A transformação desses materiais em um acervo público de informações ou aberto aos membros e apoiadores da comunidade deve ser encaminhada com cuidado. Imagens e fatos que envolvam situações constrangedoras ou privadas, nem sempre podem ser expostas sem autorização dos envolvidos.

As estratégias de caráter participativo para definir quais informações serão apresentadas, e para quem, dependerá das condições reais de cada projeto de pesquisa, bem como o uso de imagens deve ser precedido por um livre consentimento por parte dos pesquisados. Assim, o etnógrafo fará a escolha, com prudência e cuidado, dos acontecimentos que vai publicar.

5 COMENTÁRIOS CONCLUSIVOS: UMA ETNOGRAFIA PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

A vida em sociedade faz parte da condição humana. O alcance da vida social se estende desde os grupos pequenos até as aglomerações com milhões de pessoas. Esse aspecto gregário também faz parte da condição de outros seres presentes no planeta.

As sociedades contemporâneas são espaços, são interações, entidades supraindividuais, fluxos, representações. Emaranhadas em um processo de mundialização econômica, política e ideológica.

Surgem desafios como a globalização das atividades econômicas, organizadas em redes flexíveis; a cultura virtual baseada em um sistema de mídia onipresente, interligado e altamente diversificado; a consolidação de um espaço de fluxos de capital on-line, a ampliação das redes sociais virtuais; a revolução tecnológica nas áreas da informática e biogenética; a afirmação de identidades coletivas particulares em contraposição ao cosmopolitismo da globalização; a definição do papel dos estados; a definição do papel dos blocos econômicos; a construção da democracia planetária e o aumento das demandas por participação política em nível local; a superação das desigualdades socioeconômicas; o exercício da livre expressão; a construção de redes afetivas sólidas; o diálogo intercultural; a crise nas utopias sociais; o narcisismo da sociedade do espetáculo; os impactos das mudanças climáticas; as pandemias; experienciar e difundir formas de obtenção de energia vital saudáveis e sustentáveis, assim como suplantar os discursos e ações de ódio que alimentam as guerras de extermínio; avançar no uso de tecnologias limpas e renováveis como a tecnologia do plasma e campos mórficos; a superação da estratificação social na qual poucos estão no topo e a maioria estão na base da pirâmide social; produzir relações que gerem bem-estar; são alguns desafios que afloram a nossa consciência neste momento.

Cooperação e criatividade representam nosso horizonte utópico para enfrentar esses desafios. Vou recorrer a uma metáfora que uma quiromancista de tarô apresentou sobre superação das crises da sociedade contemporânea globalizada:

A vida representada no sete de copas recomendou a Afrodite, a musa grega da beleza, para navegar até as águas profundas, mergulhar nas profundezas e encontrar a caixa de Pandora. Só assim ela poderia ser feliz após a flechada de Eros. A caixa trazia cinco elementos: a

Demência, a Lucidez, a Cobrança, o Conflito e a Esperança. Assim seria possível cavalgar sobre a terra e sobre os ventos mantendo o fogo da vida aceso. As forças mentais e físicas derrubariam as torres sem portas onde os olhares estavam presos e os medos seriam superados num acesso de autoconfiança coletiva.

Em nosso caso a Esperança invocou outras entidades-conceitos: Presença, Visão Disponível, Escuta Sensível, Contato Consciente, Percepção, Empatia, Transformação social, Autonomia e Emancipação social, Relacionalidade e Redes de Solidariedade.

Um caminho possível para os seres humanos são os momentos face a face em que a mente, os sentimentos e o corpo estejam integrados e propiciem uma presença plena, seja um caminho existencial que nos leve na direção de um bem viver entre os seres que habitam este planeta.

Em termos mais amplos as práticas cooperativas entre os seres vivos formam um campo informacional que podemos denominar de amorosidade.

O direito à luz solar, água, ar, campos de ondas regenerativos, probióticos, afetos, artes, sono e alimentação sadia são a base de nosso protocolo pelo bem-estar, tanto quanto as bandeiras relacionadas aos direitos humanos e à democracia participativa.

Dualismo, racionalização, burocratização, individualismo, metropolização são tendências macroestruturantes nas sociedades globalizadas. Os estados aumentam seu poder de regulação da vida social junto com as corporações transnacionais. O controle sobre as fontes de energia e a propriedade dos recursos naturais estão no centro das disputas sociais.

Os contrapontos afirmativos de cenários de amorosidade e beleza criativa aparecem nas ações ecossocioculturais, políticas e econômicas em todos os espaços onde haja vida cooperativa e amorosa. Nesse sentido, a colaboração como motor da vida transcende à condição humana.

O campo religioso se mercantiliza e se expande seguindo a lógica do mercado, mas, contém em si a possibilidade de experiências inusitadas para as pessoas. Aproveito o ensejo para trazer algumas representações mitológicas que apontam nessa direção de um universo amoroso. No campo do cristianismo afirmações como “Deus é amor” representam uma utopia sempre passível e possível de potencial mundos melhores.

Utilizamos prioritariamente neste trabalho a linguagem conceitual-racional-lógica que limitou nossa capacidade de expressão, pois a poética ficou como

uma ferramenta fundamental no plano teórico, entretanto, sem trazê-la para essas reflexões. Essa opção pela linguagem acadêmica se deveu ao fato de ser um texto voltado para o meio acadêmico.

A impossibilidade de uma visão de conjunto sobre os impactos macrosociais das ações emancipatórias no nível microssocial com as quais traz certa angústia, porque a sensação predominante produzida pelos meios de comunicação social é de que as sociedades humanas estão mergulhadas no sofrimento e na guerra. Parece reinar a desesperança na opinião pública.

Por fim, gostaria de fazer alguns comentários sobre a etnografia vivencial que vimos desenvolvendo. Um dos princípios fundamentais é a presença. Trazer a atenção para o momento e deixar o fluxo de pensamentos seguir seu rumo é um exercício simples, todavia, complexo. Os esquemas de percepção que trazemos dentro de nós condicionam nossa forma de estar no mundo. Disponibilidade e treino parecem ser requisitos necessários para alcançar a *mindfulness*.

Desenvolver formas de registro e expressão das experiências vividas é outra questão para lapidar. Para isso, precisamos de tempo para investigação das vivências grupais e para elaboração metodológica. Tempo para meditar. Tempo e disciplina.

Em geral temos uma grande demanda por parte de ações ecossocioculturais nas entidades que atuamos e grande demanda de atividades na vida profissional. Falta tempo. Para aprofundarmo-nos na presença plena teremos que propor momentos de meditação como ação emancipadora, reduzir o número de atividades voltadas à intervenção e ser mais concisos nas atividades administrativas.

Inclusive atividades de presença com crianças e adolescentes podem ser oferecidas como momento de encontro entre pessoas em situação de vulnerabilidade.

Nossa intervenção se dá no nível do microssocial com raio de alcance determinado pelas relações de contato direto entre os participantes. Temos claro que as tendências macroestruturantes das relações sociais se concretizam em pessoas, grupos e espaços cotidianos. Portanto, a compreensão dessas tendências gerais convive com atuações pontuais.

A potência emancipatória da beleza e da convivência cooperativa está presente, mesmo que despercebida.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. **Sociologia e investigação social empírica**. In: Temas básicos de sociologia, S. Paulo, Cultrix, 1978. P. 120-131.
- ALEXANDER, Jeffrey C. et alii. **The micro – macro link**. London, University California Press, 1987.
- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio, Zahar, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio, Zahar, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido – sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio, Zahar, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo – a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio, Zahar, 2008.
- BECK, Ulrich. **Liberdade ou capitalismo**. S. Paulo, UNESP, 2003.
- BERGER, Peter. **Perspectivas sociológicas**. Petrópolis, Vozes, 1978.
- BERTHERAT, Therese. **O corpo tem suas razões**. S. Paulo, Martins Fontes, 1998.
- BOFF, Leonardo. **O cuidado essencial: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade**. 2ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação – 19/2002**. Campinas (SP): UNICAMP.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a pesquisa-participante**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CASTELLS, Manoel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. v. 2. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CEDEÑO, Alejandra Astrid Leon. **Psicologia Comunitaria de lo cotidiano – arte y acción Psicosocial em Londrina (Brasil)**. Searbruckin (Alemanha), Ed. Academica Española, 2012.

DAIMO, Ana Maria. **A vez e a voz popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70.** Rio de Janeiro: Dumaré/ANPOCS, 1995.

DUPAS, Gilberto. **Economia global e exclusão social: pobreza, emprego estado e o futuro do capitalismo.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

ESCOBAR, Arturo. **Autonomia e deseño – La realización del comunal.** Cauca, Popayán/Universidade de Cauca, Sello editorial, 2016.

ESCOBAR, Arturo. **Desde abajo, por la izquierda, y con la Tierra: SUReando desde Abya Yala/Afro/Latino/América.** Belo Horizonte, Revista Interdisciplinar SULEAR UEMG,

FEYERBAND, Paul. **Contra o método.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo, Editora UNESP, 2000.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** São Paulo, Ed UNESP, 1991.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GUDYNAS, Eduardo. **Direitos da natureza – Ética biocêntrica e políticas ambientais.** São Paulo, Ed Elefante, 2019.

HABERMAS, Jürgen. **Conhecimento e Interesse.** Frankfurt, SuhrKamp Verlag, 1968.

INGOLD, Tim. **Sonhando com dragões: sobre a imaginação da vida real.** ClimaCom [Online], Campinas, Trad. Sebastian Wiedemann, ano 4, n. 10, dez. 2017 . Available from: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=7994>.

KELEMAN, Stanley. **Anatomia Emocional.** São Paulo, Summus, 1992.

LIMA, José Carlos Franco. **Acolhimento, proteção e inserção criativa: Uma reflexão sobre a metodologia do Projeto de Apoio a Refugiados em Roraima (2017-2018)**. Goiânia. *Revista da UFG*, v. 19, 2019a. DOI: <https://doi.org/10.5216/revufg.v19i0.56103>.

MAGNANI, José Cantor e TORRES, Lilian de Lucca. **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo, Edusp, 2008.

MORIN, Edgar et al. **O problema epistemológico da complexidade**. 2 ed. Lisboa, 1996.

ROSENBERG, Marshal B. **A comunicação não-violenta**. São Paulo, Agora, 2006.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice – o social e o político na pós-modernidade**. S. Paulo, Cortez, 1997a.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Por uma concepção multicultural de direitos humanos**. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 48, jun./97b.

SARTRE, Jean Paul. **Questão de método**. São Paulo: Abril, 1973. (Coleção Os Pensadores).

SCHENEIDER, Meir. **Manual de autocura – O método Self-Healing**. S. Paulo, Triom, 2000.

SEQUEIRA, Alexandre Romariz. **Entre a Lapinha da Serra e o Mata Capim**. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas – Escola de Belas Artes, 2010.

SIMAS, Luis Antonio. **Epistemologia da Macumba com Luiz Antonio Simas**. <https://www.youtube.com/watch?v=ciQLWs7xVCw>. Acessado em 28.03.2021.

SINISGALLI, C. **Florescer**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FbSDVj9eqzI>. Acesso em: 02 mar. 2021.

SOREL, Georges. **Reflexões sobre a violência**. Petrópolis: Vozes, 1993.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **O Nativo relativo**. Rio de Janeiro, *Mana* vol. 8 Apr.2002, ISSN 16784944, <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132002000100005> acessado em 22/04/2016.

SOBRE O AUTOR

José Carlos Franco de Lima

Formação acadêmica:

Pós-Doutorado em Psicologia Social pela UNESP
Doutor em Antropologia pela PUC/SP
Mestre em Sociologia Política pela PUC/SP
Especialista em Antropologia Filosófica pela UFPR
Licenciado em Estudos Sociais pela FEBE/SC

Atuação:

Docente do Curso de Antropologia da UFRR
Coordenador do Programa de Extensão Apoio e Assessoria a Associações Culturais em Roraima (PRAE/UFRR)
Coordenador do Projeto de Pesquisa Fontes de Energia Vital (PRPPG/UFRR)
Facilitador em grupos de percepção corporal
Coordenador da Casa de Cultura Apuí (Boa Vista/RR).